

ALAVOURA

ANNO XLIII

NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1939



REVISTA DA
SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA
CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

ARTHUR VIANNA & CIA. L^{TD}A.

ESTABELECIDOS DESDE 1900

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "STEARICA"

AGENTES DO SALITRE DO CHILE

TODOS OS ADUBOS E MATERIAES AGRICOLAS

FILIAL:

Telephone 2-7101

Caixa Postal 3520

RUA SÃO BENTO, 100 - Sob.

SÃO PAULO

FILIAL:

Telephone 43-3468

Caixa Postal 3572

RUA DA ALFANDEGA N. 59

RIO DE JANEIRO

MATRIZ:

Telephone 3723 - Caixa Postal 291

AV. SANTOS DUMONT N. 227

BELLO HORIZONTE

ADUBOS "VIANNA"

Completo para todas as culturas

SALITRE DO CHILE

Adubo organico "88" - Adubos postassicos -
Superphosphato - Farinha de ossos - Agrono-
mos a disposição - Analyse de acidez de terras.

FORMICIDAS

Arsenico - Enxofres - Agapeama - Fortuna -
Ideal - Bisulfureto de carbono - Cyanogaz -
Cyanureto - Ingrediente "VIANNA"

INSECTICIDAS

Arseniato de Chumbo - Bekolit - Cruz Azul-
Cal - Fungol Pó Borda - luz - PÓ ADHE-
SIVO para insecticidas - Oleos fungicidas -
Sulfato de cobre e de ferro Solbar -
Uspulum - Verde Paris.

MACHINAS E UTENSILIOS AGRICOLAS

Abanador p/ cereaes - Arrancador p/ Algo-
doeiro - Arados todos os typos Bicos arap-
arados - Cultivadores "PLANETS" - Debu-
lhadores - Grades Motores - Oleo cru e a
gazolina - Machina p/ formigas - Pulverisa-
dores - Semeadeiras etc.

INSTALLAÇÕES

Para fecula de mandioca - Beneficio de
Arroz - Algodão - Café -
Classificadores de Café

SECCADORES

A ar quente - Patente n.º 23.631
Algodão - Mandioca - Café - Mamona etc. -
SECCADOR TUBULAR - Massas de Man-
dioca - Garapa Kaolim - Ossos -
Sangue - Leite etc.

SEMENTES

Adubos verdes - Alfafa - Batatss - Cereaes -
Cannas - Capins - Forragens - Mamona -
Soja - Tungue - Videiras.

SACCARIA

Aniagem nova para transportes -
Colheita de café - Encerados -
Barbanses

PRODUCTOS DIVERSOS

Correias de sola - Créogado - Carrapatici-
das - Iodo - Iodureto potassio Jacasinhos -
Pixe etc.

COMPRADORES DE

Ossos - Chifres - Unhas

Proposta para Socio

CAPITULO II DOS ESTATUTOS

O abaixo assignado propõe para socio effectivo da SOCIEDADE

NACIONAL DE AGRICULTURA:

Nome por extenso.....

Nacionalidade..... Profissão.....

Endereço para carga.....

Endereço para correspondencia.....

Nome ou os nomes de fazendas que possui, o Município ou Municípios em que estiverem.....

Genero de culturas a que se dedica.....

Variedade de gados que cria.....

E' a propriedade registrada no Ministerio da Agricultura?

Em caso negativo, a Sociedade encarrega-se de promovê-lo, a pedido do interessado.

OBSERVAÇÕES

....., de de

Juntar 40\$000 em registrado com valor declarado, em vale postal.

Assignatura do proponente

Assignatura do proposto

CAPITULO II DOS ESTATUTOS

DOS SOCIOS

Art. 9 — A Sociedade admite as seguintes categorias de socios:

Effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos, filiados e remidos.

§ 1.º — Serão socios effectivos as pessoas naturaes ou juridicas, inclusive corporações ou organizações de character official que, domiciliadas no paiz, forem propostas, de conformidade com os Estatutos e contribuirem, sendo individuaes, com a joia de 50\$000 e a annuidade de 40\$000, e, sendo collectivas, com a joia de 150\$000 e a annuidade de 100\$000.

§ 2.º — Serão socios correspondente as pessoas ou associações, com residencia ou séde no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que puderem ou quizerem prestar á Sociedade.

§ 3.º — Serão socios honorarios as pessoas que prestarem á Sociedade e á producção serviços tão relevantes que a Directoria os julgue merecedores desse titulo.

§ 4.º — Serão socios benemeritos as pessoas que por sua dedicação e serviços excepçionaes á Sociedade e á producção, forem, por proposta da Directoria e a juizo da Assembléa Geral, dignas dessa investitura.

§ 5.º — Serão socios filiados as associações agricolas ou de classes directamente ligadas á producção do Districto Federal, que contribuirem som a joia de 50\$000 e annuidade de 100\$000

§ 6.º — Serão socios remidos os que estando em condições de ser aceitas como effectivos ou filiados, pagarem, de uma só vez, a joia e 10 unidades.

Art. 10. — Os filiados e as corporações officiaes deverão declarar o seu desejo de compartilhar das vantagens de socios da Sociedade, ficando a acceitação dependente de resolução da Directoria.

§ Unico. — Os demais socios effectivos e os remidos deverão ser propostos, por indicação de um ou mais socios, á Directoria, que deliberará a respeito.

Art. 11. — Os socios filiados designarão um representante que participará das sessões; terá para esse fim, qualidade de Director e cujo mandato, que terminará sempre com o da Directoria, poderá ser renovado, a juizo da instituição respectiva entendendo-se que a reconducção tenha sido feita, se aviso em contrario não for recebido pela Sociedade.

Art. 12. — Os socios honorarios e correspondentes não poderão ter ingerencia alguma na direcção da Sociedade, mas gosarão de todas as demais vantagens de socios, inclusive do direito de propor á Directoria qualquer medida que julgarem util á instituição e ás classes que esta representa.

§ Unico. — Aos socios honorarios e correspondentes serão expedidos, gratuitamente, os diplomas.

Art. 13. — Poderão remir-se, em qualquer tempo os socios effectivos e filiados, sendo para esse fim, contado um terço das annuidades pagas até o maximo de um conto de réis.

Em virtude de resolução de Diretoria foi suspensa, até posterior deliberação, a joia de 50\$000 cobrada aos socios individuaes e de 100\$000 aos socios collectivos.

SUMMARIO

Sociedade Nacional de Agricultura – Breve resenha de suas actividades em 1939.	1
O comercio entre o porto de São Francisco e o Brasil. . . .	6
O Timbó.	9
Creação de um órgão central coordenador entre os mercados productores e consumidores.	10
Aspectos da exploração florestal na Suecia.	13
A febre aphtosa.	14
VIII Exposição de animaes e productos derivados.	17
Essencias extrativas. Especiarias. — A «Fava Tonka» ou «Sarrapia», indústria em Venezuela.	21
Melhoremos nossos couros.	24
Os asininos no Brasil.	26
A laranja e seus problemas.	28
As semanais da Sociedade Nacional de Agricultura	33

Sociedade Nacional de Agricultura

Publicações em distribuição aos socios:

- Annaes do I Congresso de Leite e Derivados (1 vol.)
Annaes da II Semana do Leite (folheto)
Annaes da II Conferencia Nacional de Pecuaria (1 vol.)
Annaes da I Conferencia Nacional Algodoeira (3 vols.)
O Ceará Economico — *Dr. Souza Pinto* (folheto)
A conquista do pão — *R. Fernandes e Silva* (folheto)
A cultura do fumo e o seu preparo — *J. Silverio Guimarães* (folheto)
Factos Economicos — *Miguel Calmon* (brochura)
O algodão e a solidariedade Internacional — *Miguel Calmon* (folheto)
Politica Commercial Pan-Americana — *Arthur Torres Filho* (folheto)
Aspectos leiteros brasileiros — *Otto Frensel* (folheto)
O Problema caféeiro de S. Paulo e a Pecuaria de leite — *Landulpho Alves* (folheto)
Aspecto actual da Industria de Lacticinios no Brasil — *L. Gonçalves Vieira* (folheto)
O cultivo da batata e a importação de suas sementes no Brasil — *Arsène Puttemans* (folheto)
Expansão Economica do Brasil — *Arthur Torres Filho* (1 vol.)
O Apicultor brasileiro — *Emilio Schenck* (1 vol.)
As Municipalidades e o momento economico brasileiro — (1934) *Arthur Torres Filho*.
Escola de Horticultura Wenceslau Bello — Publicação n. 2

A Secretaria da S. N. A., mediante pedido do socio quite, enviará immediatamente as publicações pedidas. Para o interior, deverá o interessado juntar ao pedido \$400 de sello, em se tratando de folheto e \$800, para maior numero de publicações ou por volume.

A LAVOURA

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Director

Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA

Gerente ROBERTO DIAS FERREIRA — Redactor-Secretario L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrasado 3\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, Largo de S. Francisco, 3-2.º, Salas 202-6

RIO DE JANEIRO

ANNO XLIII

RIO DE JANEIRO

Novembro-Dezembro de 1939

Sociedade Nacional de Agricultura

Breve resenha de suas atividades em 1939

Como acontece desde a sua fundação, a Sociedade Nacional de Agricultura distribue a sua atividade em dois campos bem distintos: o de assistência direta ao socio, através do fornecimento de máquinas, drogas, inseticidas, encaminhamento de processos, e outros, e o de ordem geral, visando a economia e a agricultura do país. Este é, sem duvida, o de maior importancia, embora de mais difficil menção, ou relacionamento, numa resenha como esta.

TRABALHOS DE ORDEM PARTICULAR

Dado o fato de que a Sociedade Nacional de Agricultura reúne em seu seio associados de todos os pontos do Brasil, transita pela sua Secretaria um sem numero de papeis referentes aos problemas e assuntos pessoais de cada um. Reclamações, interesses das repartições federais, pedidos de vacinas ao Ministerio da Agricultura, registo de lavradores, preços, aquisições de materiais agricolas, etc. Este serviço, que mais de perto interessa ao socio, como retribuição da anuidade — de vês que, infelizmente, não se acha ainda bastante arraigado o espirito associativo no meio da classe rural — consome uma grande parte da atividade da instituição e constitui, a bem dizer, o seu serviço normal e rotineiro. Uma campanha pelo aumento do quadro social foi realizada em 1939 com exito, tendo, pois, aumentado este trabalho proporcionalmente.

TRABALHOS DE ORDEM GERAL

A esfera de ação da Sociedade nesse setôr não sofreu solução de continuidade. Além da sua participação em varios órgãos consultivos do Governo Federal, onde as aspirações da classe e o interesse supremo do país foram sempre defendidos pela Sociedade, varias representações e sugestões foram encaminhadas ao Poder Publico, nas quais os propositos de colaboração da Sociedade Nacional de Agricultura foram mais uma vês realçados.

CONSELHO FEDERAL DO COMERCIO EXTERIOR

Desde a fundação deste órgão, mantém a Sociedade Nacional de Agricultura a representação da lavoura. Nos relatorios anteriores, tem sido focalizada a atuação da delegação da agricultura, que é relevante, tendo em vista, afinal, que a propria economia nacional repousa, totalmente, nos produtos da terra.

Com a reorganização do Conselho, por decreto-lei de 17 de Março do ano em apreço, encaminhou o delegado da Sociedade seu pedido de demissão, a que o Exmo. Sr. Presidente da Republica não deu deferimento, até que, efetivada a reforma, foi o pedido aceito por méra formalidade e reconduzido o delegado da Sociedade.

A imprensa diaria tem, no seu noticiario, referido em tempo e pormenorizadamente o trabalho da delegação da Sociedade no Conselho Federal de Comércio Exterior, não só nas suas sessões plenárias, como nas das camaras, no qual se revela, ao par dos objetivos de defesa da classe e da economia, o da harmonização de interesses com o Poder Publico. E com isto realiza a Sociedade um dos seus principais objetivos, facilitado de muito com a politica governamental, através de vários órgãos de consulta, dentre os quais sobresae, pela sua importancia, o Conselho Federal de Comércio Exterior.

SESSÕES DE DIRETORIA

Durante o ano realizaram-se na Sociedade 32 sessões de Diretoria, algumas com concurrencia extraordinaria. Serviram elas para o debate prévio dos assuntos levados ao Conselho Federal de Comércio Exterior, e aos outros órgãos da administração. Algumas delas, revestiram-se de excepcional brilhantismo, como as em que se distribuíram os certificados dos varios cursos rapidos realizados na Escola de Horticultura "Wenceslau Bélo".

DISTRIBUIÇÃO DE PLANTAS E ENXERTOS

Graças ao Horto da Penha — hoje com uma feição moderna graças á sua reorganização em Escola de Horticultura — foi possível á Sociedade manter este serviço tradicional de distribuição de plantas. Sem visar lucros, a distribuição foi feita mediante o pagamento apenas da embalagem (o frete, em algumas estradas, é gratuito para a Sociedade, como na Leopoldina) e do custo restrito da produção. Foram enviadas mudas para todos os Estados principalmente os de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

EXPOSIÇÕES E FEIRAS

Acompanhando, com o mais vivo interesse, os certames realizados no pais, compareceu a Sociedade á Exposição de Animais de Leopoldina, e a outros certames regionais e nacionais. Instituiu premios, enviando delegados e fazendo a maior publicidade em torno do assunto, com o objetivo de estimular tais cometimentos de que foi a pioneira no Brasil.

PUBLICAÇÕES

Além da sua revista "A LAVOURA" organizou a Sociedade um folheto de propaganda da Escola de Horticultura "Wenceslau Bélo" (Publicação n. 2) e mais as seguintes: "O Abastecimento de Leite ás Grandes Cidades", pelo Dr. Luis Gonçalves Vieira; "A Contribuição ao Estudo das Plantas Forrageiras do Estado do Paraná", pelo Dr. José Sotéro Abgelo; "As Semanais da Sociedade Nacional de Agricultura, de 1938"; "Legislação Brasileira sobre a Pecuaria e Derivados", do Dr. Gustavo Adolfo Bailly. Essas publicações, e outras em distribuição na Sociedade, foram remetidas gratuitamente não só aos socios, como aos interessados que as requeressem.

BIBLIOTECA

Franqueada ao publico em geral, a Bibliotéca serviu aos socios em particular e foi muito enriquecida no ano transato. Os seus ficharios estão sendo renovados, bem como algumas encadernações. A falta de um local mais apropriado dará a esse departamento da Sociedade, tem dificultado a sua maior expansão, mas a situação será definitivamente atendida com a a proxima aquisição de um imovel condigno á instalação da Sociedade.

ESCOLA DE HORTICULTURA "WENCESLAU BELO"

Foi de grande realce a atuação da Escola que é hoje, sem favor, o principal departamento da Sociedade Nacional de Agricultura. Reformado o Horto, em 1935, passou desde logo a funcionar a Escola com os cursos rápidos e, a seguir, com os cursos regulares. (Internato).

O seu movimento em 1939 pôde ser expressado da seguinte maneira:

CURSOS REGULARES — Além do curso de Horticultura propriamente dito, funcionaram mais os seguintes cursos: — Curso de Fruticultor e de Hortelão. Foram os seguintes, os resultados obtidos no final daquele ano.

CURSO DE HORTICULTURA — 1.º ano — Adolfo erzog 630 pontos, Alvaro Gonçalves Ribeiro — 600 pontos, André da Silva Neto — 530 pontos, Celio Barbosa Anchite — 430 pontos, Christiano da da Silva Barbosa — 420 pontos, Florencio Schuthaiss — 405 pontos, José Omespere Moreira — 485 pontos, José Rodolpho Grieder — 420 pontos, Lourival de Arruda Camara — 475 pontos, Luis Silva Moreira — 420 pontos, Mario Rocha Freire — 700 pontos, Moysés da Silva Barbosa — 615 pontos, Roberto de Brito Lyra — 160 pontos — e Ubirajara da Silva — 565 pontos.

2.º ANO — Carlos Provenzano — 1.050 pontos, Fernando Henrique Vieira — 985 pontos, Francisco Xavier Fernandes — 915 pontos, João da Luz Fernandes — 610 pontos, Joaquim Vitor Barbosa — 735 pontos, Severino Gonçalves Camara — 960 pontos e Tiago Gomes — 420 pontos.

CURSO DE FRUTICULTOR — 1.º Ano — Atilio Pinto da Cunha — 190 pontos, João Santos — 180 pontos e Rodolpho da Fonseca Luiz — 40 pontos.

CURSO DE HORTELÃO — 1.º Ano Adriano Dantas, 85 pontos.

São os seguintes os alunos que não satisfazendo as exigências regulamentares, ou de um modo ou de outro, foram reprovados nos exames de primeira época:

AGRICULTURA — Roberto de Brito Lyra.

AGROMETRIA — André da Silva Netto, Celio Barbosa Anchite, Christiano da Silva Barbosa, Florencio Schulthaiss, José Rodolpho Grieder, Luiz Silva Moreira e Roberto de Brito Lyra.

DESENHO — José Rodolpho Grieder, Luiz Silva Moreira e Roberto de Brito Lyra.

FISICA — Celio Barbosa Anchite, Florencio Schultraiss, Lourival de Arruda Camara, Luiz Silva Moreira e Roberto de Brito Lyra.

QUIMICA — José Omespere Moreira, Lourival de Arruda Camara e Roberto de Brito Lyra.

ZOOLOGIA — Roberto de Brito Lyra.

ZOOTECNIA — Roberto de Brito Lyra.

2.º ANO

AGROMETRIA — João da Luz Fernandes e Thiago Gomes.

DESENHO — João da Luz Fernandes e Thiago Gomes.

1.º ANO — CURSO DE FRUTICULTOR

BOTANICA — Rodolpho da Fonseca Luiz.

ENTOMOLOGIA — Atilio Pinto da Cunha.

FRUTICULTURA — Rodolpho da Fonseca Luiz.

SÓLOS E ADUBAÇÃO — Rodolpho da Fonseca Luiz.

CURSOS RAPIDOS — Os cursos rápidos, iniciados na Escola de Horticultura "Wenceslau Blo" em Julho de 1937, alcançaram em pouco tempo maior sucesso do que esperavamos.

Não poderíamos hoje suprimi-los e, nem mesmo a título de férias, suspende-los temporariamente.

Ha sempre candidatos a frequentá-los e estudiosos a reclamarem a abertura de novos cursos de interesse restrito e imediato.

Apesar do rigor que lhes tem sido impresso no funcionamento, e apesar das condições estabelecidas e observadas para admissão dos alunos a exames e da natureza das provas indispensáveis á conquista do certificado de aprovação, continuam êles a ser realizados com um índice de frequência relativamente elevado.

A relação entre as matrículas e o numero de aprovados, isto é, daqueles que conseguem o certificado, diz bem, e de maneira expressiva, do rigor das provas. Isto, porém, não constitui, felizmente, um motivo de desanimo... é antes um estímulo e aplicação nos cursos seguintes.

Até agora foram realizados oito (8) cursos. Eles foram matriculados 498 interessados e aprovados 381 ou sejam 54,68%.

Releva esclarecer só poderem fazer exame aqueles que frequentaram o mínimo de 80% das aulas em bem assim, não haver entre os chamados a exame, um só beneficiado com justificação de faltas.

Esse critério seguido é aceito de boa vontade por constituir um premio ao esforço e á assiduidade.

O movimento dos cursos, até agora realizados, pôde ser assim apreciado:

CURSOS	ALUNOS		% de Aprovações
	Matriculados	Aprovados	
Enxertia	44	30	68,18%
Defesa Sanitária Vegetal	106	73	68,86%
Organização de Herbários	50	23	46,00%
Multiplicação Vegetal	68	27	39,70%
Enxertia	51	34	66,66%
Sericultura	68	24	35,46%
Melhoramento de Plantas	28	12	42,85%
Sericultura	83	58	69,80%
Total	415	381	54,68%

Além dos cursos rápidos acima e numerados, está em funcionamento o 3.º de Enxertia, com a matrícula de 34 alunos e cuja terminação depende de alguns exames.

Frequência média diária nos Cursos Rápidos realizados em 1939

CURSOS	M.	F.	TOTAL
Sericultura	23	3	23
Melhoramento de Plantas	14	1	15
Sericultura	75	8	83

DIRETORIA

Em assembléia geral realizada em 17 de Agosto ultimo, foi eleito e empossada a seguinte diretoria:

Presidente — Ildefonso Simões Lopes; 1.º vice-presidente — Arthur Torres Filho; 2.º vice-presidente — Edgard Teixeira Leite; 3.º vice-presidente — Mario de Oliveira; 1.º secretario — Antonio de Arruda Camara; 2.º secretario Adamastor Lima; 3.º secretario — Eurico Santo; 4.º secretario — Altino de Azevedo Sodré; 1.º tesoureiro — Kurt Rpsold; 2.º tesoureiro — Domingos de Faria.

DIRETORIA TECNICA

Fabio Furtado Luz — Franklin de Almeida — Hilario Luiz Leitão — Luiz de Oliveira Mendes — Otto Frensel — Francisco de Assis Iglesias — Frederico Murtinho Braga — Joaquim Bertino — Luiz Gonçalves Vieira — Virginio Wernech Campello.

CONSELHO SUPERIOR

Alberto Ravache — Alvaro Simões Lopes — Antonio F. M. Torres — Argemiro de Oliveira — Carlos de Sousa Duarte — Eduardo Duvivier — Fernando Costa — Fabio Azevedo Sodré — Francisco L. A. Cocta — Humberto R. de Andrade — Itagiba Barçante — J. C. Bello Lisboa — José de Borja Peregrino — de Castro — José A. de Castro Filgueiras José Oliveira Marques — João Baptista — Julio Cesar Lutterbach — Luiz Simões Lopes — Mario Telles da Silva — Ruy Carneiro — Alpheu Domingues da Silva — Annibal di Primi Beck — Archimedes de Lima Camara — Belisario Alves F. Tavora — Creso Braga — Euvaldo Lodi — Fidelis Reis — Filogonio Peixoto — Gastão de Faria de Faria — Honório da Costa Monteiro Filho — Jeronymo Antonio Coimbra — José Solano Carneiro da Cunha — José de Mello Moraes — José Monteiro Ribeiro Junqueira — João Mauricio de Medeiros — Landulpho Alves de Almeida — Julio Eduardo da Silva Araujo — Marcial Terra — Ottoni Soares de Freitas — Wenceslau Braz Pereira Gomes.

A economia rural no Paraná e em Santa Catharina

O Sr. Arthur Torres Filho, representante da lavoura no Conselho Federal do Comercio Exterior, em uma das ultimas sessões daquelle orgão^a, relatou as impressões colhidas na viagem que fizera ao Paraná e Santa Catarina, onde fôra desempenhar missão do Ministério da Agricultura, a qual está ligada diretamente á vida do Conselho.

Em virtude da nova acomodação verificada no mecanismo administrativo daquelle ministério, o respectivo titular, Sr. Fernando Costa, criou, um orgão, cuja direção confiara ao orador, tendo por objetivo focalizar os problemas da economia rural, que, como é sabido, são os que mais diretamente se relacionam com a vida econmica brasileira.

Esclarece o Conselheiro Torres Filho que o setor confiado á sua administração era bastante largo, pois lhe competia tratar de problemas de ordem vegetal, animal e até mineral.

Para tal, mister se fazia cuidar da classe agricola, dando-lhe organização cooperativista, crédito agricola, e promovendo a industrialização de matérias primas e implantação de novas culturas.

Referiu-se o Conselheiro Torres Filho á extensão dos encargos conferidos pela lei da padronização, que exige enorme trabalho para fiscalizar toda a nossa produção agro-pecuaria.

Durante sua estada em São Paulo, verificou o progresso do cooperativismo naquele Estado, procurando também o Interventor Federal desenvolver, através dos Bancos Estaduais, o crédito agricola.

Em Santos, presidiu uma reunião de comissarios de café, tendo ficado impressionado pelas declarações, de pessoas fidedignas, que no caso de não serem feitas novas plantações, em breve não haverá mais café.

Reputava, o Conselheiro Torres Filho, este ponto de extrema gravidade, para o qual o Governo terá de dispensar especial atenção. Outro fenomeno bem sério concorre para a devastação dos cafesais — a broca — que já invadiu a zona da Alta Paulista. Após aludir ao grande desenvolvimento das culturas de algodão e da mandioca, S. Ex. referiu-se á Fabrica de Celulose de Matarazzo, cuja produção atual é de 10 toneladas diárias, de celulose alta, devendo, dentro de 15 dias, passar a produzir 15 toneladas diárias.

Exibiu o Conselheiro Torres Filho amostras de trigo, tipo "Bagé", cuja cultura se desenvolve rapidamente no sul. Ponderou S. Ex. que o ponto fundamental para a defesa da cultura do trigo estava na instalação de silos.

O cultivo do linho no Paraná já se faz em regular escala, existindo uma fabrica que se dedica ao fabrico de barbantes e cordoalhas. A cevada, o centeio e o lúpulo são objeto de animadoras culturas. Julgava S. Ex. que, devido ao clima temperado, á fruticultura no Paraná e Santa Catarina estava reservado um grande papel. Poder-se-á, assim, desenvolver o plantio de frutas européias. Aludiu S. Ex. ao desenvolvimento de modernas culturas nos centros poloneses e alemães, elogiando a ação do Interventor Ribas, ao criar escolas de trabalhadores rurais.

O comércio entre o porto de São Francisco e o Brasil

Tradução do informe prestado, a pedido do Consulado do Brasil, pela Câmara de Comércio (seção estrangeira) sobre as condições das relações comerciais entre o porto de São Francisco e o Brasil.

O que, dentre outros fatores, mais ressalta no desenvolvimento da atividade comercial do porto de São Francisco é a acendência das suas relações com o Brasil. Estatísticas recentemente publicadas já atestam desse surto quando acusam, para o ano de 1939, um total de \$4.052.501 (dólares) para importação e exportação, contra \$3.333.673 (dólares) em 1937, ou sejam, \$718.828 a mais.

O comércio de São Francisco com o Brasil tem, até agora, sentido muito os efeitos da falta de adequados meios de comunicação marítima, não dispondo de navios modernos e rápidos como é o caso entre os portos do Atlântico dos dois continentes.

Existem presentemente três linhas entre São Francisco e o Brasil. A Pacific Argentine Brazil Line, Inc., da McCormick Steamship Co., a Westerfal-Larsen Co. Line, da qual são agentes para o Pacífico a General Steamship Corporation, Ltd. e a Yamashita Line, tendo como agentes os Srs. Swayne & Hoyt Ltd.

Havendo ultimamente o Governo dos Estados Unidos concedido, por longo prazo, à Pacific Argentine Brazil Line uma subvenção sob compromisso, por parte da Companhia, de construir quatro navios rápidos, é de se esperar daí que, dentro em breve, o tráfego marítimo disponha de meios adequados para fazer jús às necessidades do comércio.

Dentre os principais produtos que constituem objeto de intercâmbio entre São Francisco e o Brasil, destacam-se, quanto à exportação norte-americana, as frutas secas, o papel e os legumes enlatados e, no que se refere à importação, o café, o cacáu e as sementes oleaginosas. O comércio de todos esses produtos, salvo quanto ao cacáu, tende a ascender. Apesar da grande importação de cacáu brasileiro pelo porto de São Francisco, as condições da indústria não são animadoras devido à baixa de preço, superprodução e incerteza quanto à futura safra.

A exportação de papel para o Brasil está aumentando e certamente continuará a progredir graças, quasi que excusivamente, ao esforço incansável dos viajantes comerciais dos fabricantes americanos.

Os produtos da Califórnia, tais como legumes em lata, frutas secas e em lata, são, por si mesmo, pela sua excelente qualidade, o melhor meio de reclame. Os efeitos da suspensão, por parte do Brasil, da política de va-

lorização do café, em Novembro de 1937, promovendo baixas nos preços, se refletem, hoje, no incremento da importação de café do Brasil pelo porto de São Francisco. As sementes oleaginosas brasileiras, especialmente o côco babassú, encontram aqui bom mercado este sujeito, porém, à cotação da compra, que constitui, todavia, a base do mercado e óleos vegetais. Presentemente a concorrência é sensivelmente favorável ao Brasil, com indícios de que assim se conservará.

Os brasileiros estimam os americanos e apreciam os seus produtos. E, com relação ao comércio entre o Brasil e os Estados Unidos, ainda há pouco afirmou o Sr. M. A. Cremer, Diretor da Seção de Expansão Comercial da General Steamship Corp., Ltd.: "As possibilidades de incremento do comércio com o Brasil são muito animadoras. O Brasil é notoriamente um mercado conservador. Leva-se tempo para se conseguir criar um mercado para produtos americanos, mas os comerciantes de São Francisco são persistentes e o sucesso de ambas as partes estimulam novos esforços, coroados de novos sucessos".

E' lícito concluir que o comércio entre São Francisco e o Brasil continuará a crescer, tanto no que diz respeito aos produtos da Califórnia, quanto às matérias primas do Brasil.

Produtos brasileiros consumidos na região de São Francisco durante os últimos cinco anos e os respectivos dados estatísticos de importação em 1938

<i>Produtos</i>	<i>Importação</i>	<i>Quantidades em toneladas (907,20 kilos por tonelada)</i>
Osso	—	—
Couros	—	—
Carnes em Conservas	268	
Cacáu	2.235	
Café	22.511	
Oleo de semente de algodão	1.641	
Castanhas do Pará	691	
Sementes oleaginosas:		
Côcos de babassú	7.941	
Coquilhos	672	
Outras	11	
Resinas, Gomas e Balsamos	6	

O'leos vegetais:	
O'leo de oiticia	422
Outros	6
Produtos vegetais não especificados	23
Linter de algodão	10
Pãina	17
Tecidos não especificados	1
Ferro e aço não especificados.....	.0
	36.366

Exportação, pelo porto de São Francisco, para o Brasil, em 1938

Salmão enlatado	3
Peixe enlatado não especificado....	18
Frutas enlatadas e em conserva	30
Frutas secas	757
Frutas frescas	102
Nozes não especificadas	10
Vinho	2
Legumes enlatados não especificados	97
Produtos alimentícios	1
Lúpulo e Malte	1
Borracha e artefatos	1
Algodão manufaturado	37
Linoleo	58
Madeira	54
Papel e em obra	529
Pedra para lapis	333
Asfalto, petróleo e sub-produtos ...	2.9
Tijolos, telhas e barro	11
Louça	1
Volatiliznates minerais	10
O'leos, lubrificantes e graxa	864
Minerais não metálicos não especificados	1
Ferro e aço manufaturados	8
Zinco, Folhas de Flandres, barras, etc.	1
Automoveis, partes e acessórios	11
Maquinária e artigos de eletricidade	1
Máquinas e partes	41
Tintas e pigmentos	20
Diversos	441
	3.691

Valor total da importação \$3.712.111,00
Valor total da exportação \$ 340.390,é0

Concorrência entre os produtos da Califórnia e os do Brasil:

Existe concorrência local a todos os produtos importados do Brasil, com excessão dos caracteristicamente brasileiros e dos produzidos em latitudes correspondentes as do Brasil, tais como cacáu, café, babassú, cêra vegetal e outros geradores de óleos vegetais.

Regime de importação — leis, certificados, etc.:

Ossos (limpos), provenientes de frigoríficos são admitidos nos E. U. sem dificuldade

dêsde que venham acompanhados de certificado consular (n.º 264). Ossos com detritos, porém, devem ser previamente desinfetados por ação de calor, em estabelecimentos oficialmente indicados.

A carne enlatada necessita de certificado sanitário passado por autoridade competente do Governo Brasileiro, atestando que a carne corresponde ás exigências do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. A importação de couros depende, outrossim, de desinfecção em estabelecimentos autorizados.

Quanto aos produtos vegetais, residuos e linters de algodão a sua importação está sujeita a licença e inspeção, devendo ser desinfetados em caso de necessidade, antes de serem entregues ao consumo. O babassú, coquilhos e castanhas do Pará podem ser importados sem restrição alguma, salvo inspeção, desde que sejam destinados à alimentação ou fins industriais. O arroz polido ou descascado tem entrada livre, não se verificando o mesmo, no entanto, quanto à semente ou fécula de arroz. E' igualmente livre a entrada de café despulpado, assim como a de muitos outros produtos vegetais do Brasil.

Direitos de importação e despezas:

Quanto aos direitos de importação vide a Tarifa Alfandegária.

As despezas com a descarga no porto de São Francisco incluem: imposto de cais, 15c. por tonelada; movimentação, 40c. por tonelada; despezas de transporte e armazenagem.

As respectivas taxas obdecem a tabelas fixadas pela "California Railroad Commission" e se acham publicadas no "São Francisco City Carriers Tariff" e no "California Warehousemen's Tariff".

A taxa básica para estivadores é de 95c. a hora e \$1.40 a hora de serviço extraordinário. Quanto a determinadas mercadorias a taxa, tanto para horas normais como para horas extraordinárias, é de \$1.70 para ossos a granel e de \$1.05, por hora normal, e \$1.50, por hora extraordinária, para couros verdes.

Impostos internos:

Não são cobradas taxas ou impostos internos sobre produtos brasileiros; existe, todavia, um imposto de fabricação sobre óleos produzidos de sementes importadas.

Concorrência:

Um dos artigos mais importados por São Francisco, a saber, as sementes oleaginosas, tem que enfrentar a concorrência da indústria da copra, que é o óleo vegetal determinador das cotações de preço no mercado. Segundo nos consta, há interesse pelo produto brasileiro, por parte dos fabricantes ou consumidores,

quando apresentado em condições iguais aos similares de outras procedências. O café constitui possivelmente uma excessão, atendendo a que, em certos casos, o paladar determina a preferência. Releva notar, no entanto, que não há prevenção alguma.

Épocas de importação e preços:

O Brasil não sendo o único supridor dos produtos que exporta, depende das condições de preço a colocação de sua mercadoria neste mercado.

As castanhas do Pará têm suas épocas de estação, que sucede à maturidade da safra. As sementes oleaginosas dependem tanto da estação quanto dos preços cotados, dando-se o mesmo com relação à carne enlatada. A importação dos outros produtos é regulada pelos preços e, dentre eles, figuram o café, o cacáu, o óleo e os lintres de algodão, o osso e etc. A questão dos preços é muito mais complexa do que aparenta. As cotações dependem do tipo, grau e qualidade dos diferentes produtos. Naturalmente as condições do mercado também têm a sua influência sobre os preços de importação, os de atacado e, em alguns casos, dos de varejo.

Praxes comerciais:

Os produtos brasileiros são adquiridos por fabricantes, importadores, corretores, representantes ou agentes de fabricantes. Em regra geral os pagamentos são feitos contra saques. As transações em café, são frequentemente feitas contra pagamento a vista dos documentos, por ocasião da chegada da mercadoria.

Informações gerais:

De importância capital para o comércio mundial e, entre parenteses, para o desenvolvimento do comércio com o Brasil seria o abandono de praxes e medidas que oneram e restringem o comércio internacional. Queremos referir-nos às quotas, licenças, fiscalização e restrições cambiais, além de outros impedimentos ao andamento natural das transações comerciais.

No tocante ao intercâmbio comercial entre São Francisco e o Brasil, em particular, diversos fatores ocorridos nestes últimos tempos podem ser aceitos como de bom augúrio:

1.º — Os entendimentos recentemente havidos entre o Departamento do Tesouro Nacional dos Estados Unidos da América e o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Dr. Oswaldo Aranha;

2.º — Estabilização, entre os armadores, do frete do café para a Costa do Pacífico;

3.º — Incorporação de dois novos navios na linha para a América do Sul pela Westfal-Larsen Co.;

4.º — Possível supressão do imposto de selo sobre a indústria extrativa de óleos, redundando, consequentemente, em maior movimento de importação de sementes oleaginosas e outros geradores de óleo vegetal;

5.º — A Exposição Internacional da "Golden Gate" que é considerada pelo mundo comercial estrangeiro como um meio de propaganda que terá infalivelmente de produzir resultados vantajosos para o comércio.

ABELHAS

De diversas raças em núcleos, RAINHAS SELECIONADAS: italianas e carniolas (de Agosto em diante). Colmeias: Langstroth (n. americana) Emilio Schenk (nacional) Dadant-Blatt (tipos verticais) Layens e Ucrâniana (tipos horizontais) Cera moldada e cilindrada. Centrifugas. Fumigadores e outros apetrechos de Apicultura

MEL CENTRIFUGADO «LARANJEIRA», tipo exportação

MONTAGEM DE APIÁRIOS — Offerece: Michael Perelmiter, técnico apicultor (instructor no Ministério da Agricultura em 1933) — Rua Pedro Americo n. 84, casa 7, Rio — Tel. 42-0372

O TIMBÓ

O Ministro Fernando Costa, atendendo ao apelo que várias firmas paraenses, exportadoras do timbó em pó, fizeram ao Presidente Vargas, por intermedio da Associação Comercial do Pará, acaba de aprovar as medidas sugeridas pelos técnicos do Serviço de Economia Rural e da Divisão de Defesa Sanitaria Vegetal em defesa da indústria nacional dêsse produto.

Essas providências oficiais visam não só assegurar mercado interno a um produto cuja aplicação como inseticida apresenta vantagens já comprovadas na prática, como também desenvolver tecnicamente a cultura e a produção do timbó, afim de tirá-lo da fase extrativa para a da agricultura propriamente dita.

Com êsta objetivo, o sr. Ministro, numa larga visão das possibilidades futuras do produto brasileiro — cuja exportação atingiu êste ano mais de sete mil contos de réis determinou fossem observadas pelos respectivos serviços técnicos do Ministério as seguintes providências:

“1 — recomendação e emprego do timbó e preparados á base de rotenona nos estabelecimentos agrícolas oficiais, nos

campos de cooperação e nas demonstrações de combate ás pragas;

- 2 — aquisição do timbó e de produtos que o conttenham, para venda aos agricultores inscritos no Ministério da Agricultura, pelo preço do custo, na fôrma legal em vigor;
- 3 — assistência técnica do Ministério da Agricultura quanto á aplicação biológica do produto;
- 4 — ampla divulgação, pelo governo e industriais, dos resultados obtidos com o emprego do timbá como inseticida;
- 5 — estudo imediato das especificações do timbá e seus produtos, visando a sua padronização. Esta medida destina-se a melhorar a qualidade do produto exportado de modo a ser mantida, no exterior, uma boa posição aconômica a essas mercadorias;
- 6 — sejam feitos estudos sobre o timbá, a partir de seus centros de produção até aos consumidores, com o fim de pesquisar, afastar ou atenuar os impecilhos que a produção encontra no desenvolvimento de suas fases econômicas.”

O consumo mundial de algodão

Segundo a Bolsa de Algodão de Nova York, são as seguintes as estatísticas retificadas do consumo de algodão:

CONSUMO MUNDIAL DE ALGODÃO

(Fardos de 500 libras)

<i>Países</i>	1937—38	1938—39
Ostados Unidos	5.748.000	6.358.000
Inglaterra	2.625.000	2.670.000
Hungria	284.000	115.000
Belgica	366.000	321.000
Tchecoslováquia	365.000	—
Dinamarca	35.000	37.000
Finlandia	60.000	67.000
França	1.148.000	1.316.000
Alemanha	1.071.000	1.584.000
Holanda	260.000	260.000
Italia	700.000	711.000
Noruega e Suécia	137.000	168.00
Polônia	314.000	301.000
Portugal	95.000	89.000

Russia	3.704.000	3.765.000
Osmanha	152.000	140.000
Suiça	131.000	141.000
Outros países europeus	407.000	429.000

Total 9.229.000 9.444.000

<i>Países</i>	1937—38	1938—39
China	1.456.000	1.907.000
India	2.867.000	2.966.000
Japão	3.485.000	2.681.000
Outros países orientais	584.000	482.000

Total do Oriente 8.392.000 8.036.000

Brasil	828.000	615.000
Canadá	272.000	252.000
Outros países	652.000	643.000

Total 1.752.000 1.510.000

Total mundial 27.746.000 28.518.000

Creação de um orgam central coordenador das relações entre os mercados productores e consumidores

(Tése apresentada á II Conferencia Nacional de Pecuaria)

Marcial G. Terra

Paiz dos mais vastos do globo, estendido em área fertil na sua maior parte, apresentando climas mais variados, o calor do tropico e as zonas temperadas, e quasi todo propicio á vida, o Brasil, povoado já por mais de 40 milhões de habitantes, precisa mostrar-se á altura do destino que lhe está reservado.

Não é sem rasão que os povos olham com interesse para o continente sul-americano !

Novo ainda, elle já encerra, porém, o maior contingente da raça latina !

E em seus ramos, ao povo nosso, neste territorio immenso e fecundo, está fadado um grande futuro !

Cabe-nos comprehendel-o e encaminhal-o na hora historica desta geração.

Aos estadistas como ás classes organisadas, tóca o encargo da direcção intelligente. O momento é das instituições regulares.

O conceito moral de uma Patria como o dos individuos, se alicerça tambem, em base de independencia economica.

Para elemento que trabalha, no campo, o verdadeiro cérne da nacionalidade, reboaram pela segunda vez, os clarins da reunião e do entendimento amplo e claro.

Este Congresso notavel, realizando grande aspiração e estreitando laços de fraternidade e comprehensão, definirá disposições, evidenciando a oportunidade de medidas de urgencia e alcance a serem tomadas aqui.

Nem poderia ser de outra forma, em conclave que agrupa, como este, na capital magnifica da Republica, criadores e lavradores de todos os recantos do Paiz !

Tambem, riqueza consideravel como a oriunda da propria terra aproveitada e que foi, é e será sempre o esteio economico da Nação, o seu proprio fundamento maximo merece e exige attenção especial !

Dahi o anseio e o desejo de acertarmos ! Fazendeiro do extremo sul do Paiz, pela Federação das Associações Rurales do Rio Grande, modestamente contribuo com este trabalho, junto aos meus pares, na augusta assembleia de hoje:

E' a lei ineluctavel da vida.

E mercê desse indice cresce tambem a necessidade da producção para a subsistencia humana.

A carne, como os productos da agricultura, são elementos indispensaveis á nutrição.

Dahi o imperativo das industrias da terra.

Fóge á discussão, por ser principio economico tambem, a preferencia, no terreno commercial, da mercadoria barata...

E onde buscal-a ?

A' vol d'oiseau, transcrevo, para illustração, breve trecho de entrevista por mim concedida a brilhante folha paulista, em 1933:

A Argentina, o Uruguay e o Brasil desfructam presentemente a vanguarda da exportação mundial de carne, pois enquanto pódem fornecer ao mundo 1.542.000 toneladas desse producto animal, a Australia e a Nova Zelandia contribuem apenas com 216.000 toneladas.

Desse total vultuoso, a Argentina e o Uruguay poderão concorrer apenas com 750 a 800.000 toneladas, competindo-nos então a exportação das restantes 700 a 800.000 toneladas.

Os Estados Unidos da America do Norte reduziram de 72 para 45 milhões os seus rebanhos de gado vaccum.

Suprem-se a si proprios ainda, mas com o Japão, constituem parte do grupo de paizes que, em futuro, vão precisar importar carnes frigorificadas.

O seu actual consumo interno augmentou mesmo do duplo actualmente e, o proprio presidente Hoover, ainda em funcções do seu alto cargo, dizia alhures, que o paiz americano, pelo decrescimo das suas qualidades productivas e o augmento do consumo, estava a pique de entrar para a lista dos importadores permanentes de carne do estrangeiro. O Japão, actualmente importador dos nossos sub-productos, procurando intensificar connosco as relações commerciaes, será em breve um dos nossos importadores de carne.

A França, a Allemanha, a Belgica, os Paizes Baixos e a Inglaterra, o principal consumidor de carnes do mundo, todos se voltam

Afóra excepções possiveis e particularissimas, o indice demographico cresce em todos os paizes.

de modo significativo para o Brasil, cujas possibilidades de exportação são cada vez maiores.

Por outro lado a Argentina e o Uruguay mesmo, ante a produção encarecida pelo preço altíssimo da terra e o custeio elevado das fazendas, o transporte oneroso, estacionam na sua produção animal, quando não a transformam, em escala já, como tive occasião de observar de perto. Ali, a agricultura, a criação da ovelha, a matança de terneiros, forçam a diminuição dos rebanhos de gado maior, trazendo-nos o facto atenuação da concorrência na venda do couro, gordura e sub-productos.

Mas não quero focar aqui sinão a industria essencial, deixando de parte a subsidiação, até a de lacticínios, tão importante, e propositadamente, estudo, de preferencia, a questão da produção animal, sem mais me deter em assumpto de agricultura mesmo, que roço, apenas, quando o tangencia o assumpto da criação e engorda de gados.

CAPACIDADE E PREÇO DE PRODUÇÃO

O blóco sem fim de terra uberrima deste paiz, póde conter o duplo, o triplo e mais da sua população bovina, calculada em..... 45.000.000 de gado vaccum.

Além do territorio util já occupado, o plantio de pastagens artificiaes como estão fazendo São Paulo e Minas, multiplicaria a nossa capacidade de produção, reduzindo o tempo dispendido no preparo de engorda do animal para abater.

Nesse sentido, é incalculavel o que adviria em resultados positivos e seguros, com adoção do mesmo methodo de cultura.

A terra barata, farta e fertil, a manutenção do homem, sahe e sahirá por preço que não admite competição, o gado criado e engordado aqui.

Mercado algum de produção póde enfrentar o nosso sobre esse ponto. E' questão sabida e liquida, sem margem de discrepância.

APPARELHAMENTO NECESSARIO

Sempre me bati pela criação da industria do frio.

Tenho mesmo o conforto de me haver esforçado bastante pela consecução dessa ideia, no Rio Grande.

E' o corollario immediato da selecção e apuramento dos gados. Mais se europeisam elles, como acontece no Estado sulino, mais se impõe a medida.

E' a forma do aproveitamento integral do producto e sub-productos animaes.

E' a maneira de attender o nosso littoral, os centros populosos do Paiz, o estrangeiro; o

paladar exigente dos que podem dispensar as longas viagens desse nosso *binterland* desatado e ás vezes inhospito mesmo.

Para esses, para os habitantes do interior, e que são em proporção consideravel, o xarque será, por muito tempo ainda, um alimento forçado.

Industria nossa, a da pecuaria merece industrialisação nacional, propria !

Esse o caminho a seguir ! Instalações, capitais, tecnicos nossos, com a porcentagem permitida do braço estrangeiro, mas industria brasileira !

Complemento forçado, num paiz de industria pecuaria !

Meios de transporte, terrestres e maritimos, proprios.

CONSIDERAÇÕES GERAES

Perlustradas, em breve resumo, as nossas condições de meio, de recursos, de possibilidades, as necessidades de uma instrução maior do nosso homem do campo, infelizmente nem todo ao par de certo traquejo commercial, ignorando até, em grande numero dos que vivem em logares mais remotos, muitissimo do que está ao seu alcance, do que póde constituir-lhe meio de civilisação, cultura, standard de vida, sinão bem-estar e riqueza, compete-nos, neste entendimento do Congresso presente, suggerir ideias que possam beneficiar a todos, proporcionando-lhes ao menos a independencia economica, na absoluta certeza do engrandecimento da Republica e do Paiz.

E' função precípua a de generalisar ensinamentos ao produtor, de fôrma a bem preparar a terra para o seu maximo aproveitamento, adaptando a ella, ás circumstancias especiaes da zona, do clima, da estrutura e constituição geologicas, a sua propria fertilidade, as plantas nativas e mais opulentas de seiva de outras regiões ou as pastagens finas e artificiaes, garantindo assim, alimentação sadia e propria das raças nobres.

Aproveitem-se, nesses mistêres, os estudos de agrostologia, criem-se escolas de tecnicos proprios; tenha o Governo seu corpo de elementos de confiança, capazes do desempenho de tão elevada missão, estudando "*in loco*" o que deve ser aconselhado e teremos, na nossa terra, o mais formidavel celleiro do mundo, a supprir, num privilegio sem par, todos os continentes !

A intrução do productor não póde ficar ali porém. Ella irá se desesvolcendo sobretudo, com o estimulo da collocação do fructo do seu trabalho. Vendo no resultado da preferencia na venda, a compensação do que é já aperfeiçoado.

Tendo informação honesta e facil das cotações do producto, o meio de transporte ba-

rato, o seu aparelhamento de elaboração e manufactura, o credito, o mercado, deixará de ser naturalmente o Jéca decantado, para se transformar, como em conto de fada, no homem moderno de negocios, activo, diligente, lançado. Elemento modificador do meio proprio. Dynamisador de energias. Tudo envidando e fazendo, directa iu indirectamente, em bem da terra e da Patria.

Na segurança do que somos e podemos ser, dentro de um paiz dilatado como o nosso, feftil e rico, ainda sem exploração racional do que temos, vendo na união e no trabalho a grandeza da terra, a excellencia e a fortuna da pecuaria e da agricultura, necessitados apenas, para o grande objectivo, de um concurso mais efficiente dos poderes publicos, unicos a quem compete, mais effectiva vigilancia e organização de meios de activar a produção da terra e de racionalisal-a, facilitando a sua cultura, o desenvolvimento da criação e selecção dos rebanhos, o transporte, o credito, a elaboração dos productos, informando pari passu, da acceitação, procura e cotação dos mercados, pensando acertar e fazer obra util, dentro dos considerandos e propostas, que fasem essencia, resumo e fim deste trabalho:

MOTIVOS E PROPOSTAS FINAES

- 1.º — Considerando a nossa extensão territorial, fertil e povoada de gados que se podem augmentar;
- 2.º — Considerando a riqueza que representa, e o impulso que teria a industria pastoril, com a acção mais efficiente do Governo;
- 3.º — Considerando a acção patriotica e civilisadora de uma organização mais ampla e completa para o racional aproveitamento da pecuaria;
- 3.º — Considerando o augmento da fonte de renda para o proprio erario publico;
- 5.º — Considerando o futuro economico do Paiz, a riqueza de sua industria, a reflectir-se sobre o bem geral, proponho seja discutida e, uma vez acceita esta these, proposta ao Governo:

A CREAÇÃO JUNTO AO MINISTERIO DA AGRICULTURA, DE UM DEPARTAMENTO ESPECIAL, TECHNICO, CONSTITUIDO DE ELEMENTO ESPECIALISADO E DIVIDIDO EM DUAS SECÇÕES DISTINCTAS MAS QUE SE COMPLETAM:

- a) — uma de technicos de producção:
 - agrostologistas, para o estudo das gramineas mais convenientes á terra, nas diversas regiões, zonas e climas;
 - agronomos: para o que diz respeito ás suas funcções, no meio pastoril.
 - Veterinarios: para questão da sanidade animal e da producção.
- b) — Technicos para a criação da industria do frio a ser instituida com elemento nacional.
- c) — Technicos commerciaes:

Prepostos pelo Governo, addidos aos mercados de consumo, nos consulados e legações, encarregados de estudar as fluctuações e as necessidades dos mercados, do que darão informações constantes e quando pedidas, servindo como intermediarios entre o consumidor e esse Departamento do Ministerio, a seu turno, centro tambem de informação dos negocios propostos, do typo standard da mercadoria para cada consumidor, conforme as regiões e o typo de producção de cada região do Paiz.

Numa palavra: Orgão Central, Coordenador, estabelecendo officialmente as relações entre os mercados, productor e consumidor, mas nesta parte sobretudo, a dinamica por excellencia, com funcionarios commerciaes indicados pelas sociedades de classe, sem interferencia politica nenhuma, e nomeação e conta do Governo, para as funcções a serem estudadas definitivamente, quando da consecução do plano para este grande objectivo.

Inscreva-se como socio da

Sociedade Nacional de Agricultura

ASPECTOS DA EXPLORAÇÃO FLORESTAL NA SUECIA

Não existe talvez em todo o mundo paiz algum no qual se dê tanta importancia como na Suecia á repovoação florestal, coisa que, por outro lado, é facil de comprehender quando se considera que a exploração de seus imensos bosques de arvores productoras de madeira constitue a sua principal riqueza. Apesar de ser um paiz relativamente pequeno quanto á população (cerca de 6.000.000 de habitantes), por sua superficie territorial o reino da Suecia occupa o quinto lugar entre as nações da Europa; e approximadamente *sessenta por cento* dessa superficie, ou seja uns 23.000.000 *de hectares*, está coberta de florestas. As abundantes neves do inverno e as sufficientes chuvas do verão, não só facilitam o desenvolvimento das arvores, principalmente pinheiros e abetos, como também tornam relativamente facil o transporte da madeira pelos rios e lagos. As suas florestas são, portanto, de facil accesso pelo litoral, o que torna facil e economica a exportação dos seus productos.

Cerca de *vinte e tres por cento* da superficie florestal é de *propriedade do Estado* ou de outros organismos publicos; o resto está dividido entre os particulares ou empresas industriaes. O volume total das arvores existentes actualmente nas suas florestas foi calculado em 1.417.00é.é0é de metros cubicos; e o crescimento annual é computado em approximadamente 47.650.000 metros cubicos; ou seja mais do que a madeira extrahida em qualquer dos ultimos annos. Por conseguinte, se o corte continuar, como até agora, *mantendo relação com o desenvolvimento normal, a riqueza florestal da Suecia poderá ser considerada inesgotavel, permanente*. Esta riqueza é a mais importante daquelle paiz, já que mais ou menos a *metade* do valor de suas exportações é constituida pelos seus productos florestaes.

Não é de estranhar, pois, que a conservação de suas mattas tenha occupado a attenção publica desde ha muitissimo tempo; a *Escola de Arboricultura* (uma instituição do Estado) *conta mais de um século* de existencia, tempo durante o qual se educaram nas suas aulas numerosissimos arboricultores cujos conhecimentos contribuíram enormemente para o mais efficaz aproveitamento desta industria. Até certo ponto, *a tala dos bosques tem sido regulamentada desde ha varios séculos*, e as leis actualmente e m vigor tornam obrigatoria a *repovoação methodizada* e a *protecção das arvores jovens*; exceptuando estas restricções, os proprietarios fazem de

absoluta liberdade para explorar os seus bosques da maneira que julgarem mais conveniente.

Ultimamente o Governo sueco estorça-se por intensificar o melhor aproveitamento industrial dos productos florestaes, e dahi que se tenham votado os fundos necessarios (uma quantia superior a 1.000.000 *de coroas*) para as experiencias pertinentes em relação com a fabricação de "briquettes" combustiveis e com a construção de machinas caloríferas que utilizem como combustível *a madeira em vez do carvão, producto este que a Suecia se vê obrigada a importar do estrangeiro*, por não o possuir no seu solo.

As fabricas particulares para a fabricação dos mencionados "briquettes" de carvão artificial poderão obter emprestimos do Estado, *sem pagarem amortização nem juros* durante os *primeiros cinco annos*, até dois terços do valor das mesmas. Além disso augmentaram-se com meio milhão de coroas os fundos já existentes para facilitar a obtenção de creditos aos compradores de vehiculos que utilizam como *combustivel o carvão de lenha*; a isenção de impostos do alcool empregado nos automoveis e outros motores, foi prorogada por um anno mais, e decretaram-se leis tendentes a regularizar e incrementar o uso do alcool de madeira e o do destillado da batata. te (500.000 coroas) á Escola de Engenharia Destinou-se, também, uma somma importante para que esta a utilize na realização de trabalhos de investigação scientifica sobre a fabricação de combustiveis; outra verba de 500.000 coroas acaba de engrossar os fundos destinados ao melhoramento de estradas de *rodagem e canaes para o transporte dos productos florestaes*; nesta somma não está incluído o plano geral de construção de rodovias emprehendido ultimamente para dar occupação aos operarios sem trabalho e para facilitar, ao mesmo tempo, os meios de communicação em todo o territorio nacional.

Outra lei de muita importancia social é aquella mediante a qual se destina a somma de 2.500.000 coroas á concessão de emprestimos aos operarios da referida industria, afim de pol-os em condições de adquirir pequenas extensões de terreno cultivavel nas regiões florestaes, para proporcionar-lhes casa propria quanto não encontram trabalho nos bosques e para que tenham em que occupar-se em circumvizinhos. Em outras palavras, trabalha-se pela criação de um numero exercito de operarios madeireiros habeis que possam

A FEBRE AFTOSA

Sua transmissão á especie humana atravez o leite

Luiz Gonçalves Vieira

Inspetor do Serviço de Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura

Como a raiva, a febre aftosa é uma moléstia infectuosa, que se transmite por vezes á especie humana, mas cujo agente específico é até agora desconhecido.

Sabe-se unicamente que ela é produzida por um vírus filtravel, cuja séde está localizada nas serosidades contidas nas pustulas, logo depois do aparecimento da moléstia.

Tem-se descoberto nas vesiculas que se formam nas mucosas dos animais infetados, microorganismos de especies variadas, que no principio se presumia fossem os causadores dessa moléstia, porem, nenhuma dessas pretendidas descobertas conseguiu lograr efeito.

Devemos admitir, porém, que o agente específico dessa grave infeção é o menor de todos os microbios até hoje conhecidos e que talvez devido unicamente a imperfeição dos meios oticos não foi até agora descoberto e identificado.

Todos os ensaios de cultura até agora feitos têm sido negativos, a despeito dos inumeros estudos que têm sido realizados por diversos cientistas de renome universal.

A febre aftosa é uma moléstia que se propaga sempre por contagio direto, ou indirecto, isto é, por intermedio do vírus proveniente de um animal infetado.

Ela é observada nos bovinos, suínos, caprinos e lanigeros, mais raramente no cavalo, no cão e no gato.

Nas outras especies de animais a moléstia é excepcional, e nos casos, aliás raros em que se têm observado a moléstia no cão e no gato, é devido a ingestão de material virulento.

A febre aftosa se caracteriza pelo aparecimento de vesiculas na pele e sobre as mucosas, principalmente da boca, seguido de um movimento febril mais ou menos intenso, du-

rante o qual o animal torna-se triste, regeita a alimentação, fica abatido e cessa de ruminar; ao mesmo tempo observa-se uma inflamação dos pontos atacados, acompanhada de abundante salivação.

Ao cabo de alguns dias o epitélium e a epiderme se abrem e formam aftas de tamanho variado, deixando escapar uma serosidade limpida.

Em tres partes do corpo pode-se localizar a moléstia, na boca, nas mamas e nos cascos.

Na boca as aftas se assestam de preferencia no maxilar superior, sobre a gengiva, a mucosa labial e a lingua.

Logo que a erupção aftosa torna-se abundante, a mastigação é difficil e dolorosa, a inapetencia do animal é absoluta, o seu peso diminue rapidamente em virtude da dificuldade que o mesmo tem para apreender os alimentos. As aftas podem persistir durante algum tempo e são bastante dolorosas.

Quando elas se assestam nas patas, ocupam quasi sempre os espaços interdigitais, sendo que o membro atingido apresenta um certo grão de imobilidade.

Nos animais do sexo feminino, as aftas se localizam frequentemente sobre as mamas. Na cabra, no porco e no carneiro, a doença é localizada em geral nas extremidades dos membros, sendo que no cavalo não se observam senão as localizações bucais.

Nos bezerros, e por vezes tambem nos animais adultos, a forma bucal de infeção se complica, em certos casos, com uma gastroenterite grave, que é devido, sem duvida alguma, a invasão da mucosa digestiva pela erupção aftosa. Não é ainda possível dizer-se, se a contaminação da mucosa bucal se faz pelas materias virulentas deglutidas, ou si a

vire em suas proprias casas, cultivar os seus proprios terrenos e, quando as circunstancias o permittirem, trabalhar na exploração (tala, desbaste, serração, etc.- dos bosques das suas respectivas comarcas. Em resumo, as novas cia no attinente á repovoação e exploração in-

dustrial de suas florestas, assim como as leis sociaes relacionadas com as mesmas, são dignas de ser estudadas nos paizes cuja vida economica e cujos recursos naturaes offerecem alguma semelhança com os daquela progressista nação escandinava.

contaminação é exercida por intermedio das substancias toxicas absorvidas e disseminadas no organismo pela corrente sanguinea.

Pode-se acreditar todavia, que o virus existe no sangue em certos periodos da molestia e que se pode multiplicar com rapidez. Nas formas benignas da doença as aftas persistem durante o espaço de uma semana, no maximo, e o animal pouco a pouco readquire a saude.

Mas existem tambem as formas graves que se complicam com as manifestações respiratorias e inflamações gastro intestinais, com localizações da erupção sobre as mucosas digestivas, muito frequente nos bezerros ainda novos que se alimentam com o leite materno. Os sintomas gerais sempre graves, com perturbações digestivas, diarréa desintérica, dando-se a morte em cinco ou seis dias.

Praticando-se a autopsia num animal morto de febre aftosa, encontram-se lesões profundas do myocardio que se mostra frouxo, friavel e cheio de manchas amareladas: a cavidade pericardica contem um exudato séro sanguinolento. O coração apresenta-se aumentado de volume. Outras vezes, segundo os casos, encontram-se tambem lesões de uma gastro enterite ou de um catarro pulmonar grave.

Nas vacas, a febre aftosa pode ser seguida da supressão temporaria ou definitiva do leite, do abortamento e das diversas formas de mamites, observando-se igualmente a inflamação dos cascos.

Os veículos ordinarios da transmissão do virus são as serosidades contidas nas vesículas aftosas e nas salivas dos animais infetados, que impregnando os vasilhames, forragens, instrumentos de uso no estabulo, e as mãos das pessoas encarregadas dos mesmos, vão desse modo propagar a molestia com a maior facilidade possivel.

De um estabulo a outro, a contaminação se pode fazer por intermedio das pessoas que lidam com o gado leiteiro, tratadores, ordenhadores, etc., que estiverem em contato com os animais doentes ou com as suas excreções virulentas. Outras vezes a contaminação de um rebanho se faz, quando a febre aftosa ainda grassa em lugares distantes, não se podendo determinar o modo como uma propriedade foi invadida pelo terrivel mal.

A exposição de animais donetes sobre um campo de feira, seu transporte por Estrada de Ferro, sua estadia em um pasto ou mesmo sua passagem em caminhos onde transitam outros animais sãos, constitue tambem um dos modos de propagação dessa doença.

Observa-se por vezes a febre aftosa invadir um rebanho ou um estabelecimento sem que seja possivel, no primeiro momento a descoberta da origem do mal. Ocasões ha em que essas epizootias aparecem devido a chegada de animais novos no lugar, trazendo o virus em seu organismo.

Diversas opiniões a respeito das vias de penetração têm vindo a baila, admitindo uns a infeção pela pele e pelas mucosas, o que não pode trazer nenhuma duvida, certos veterinarios porém, admitem agora uma infeção por via respiratoria; o virus penetrando com o ar inspirado das vias aereanas seria transportado pela corrente sanguinea a pontos do organismo que são especialmente, sensíveis, á sua ação. A virulência do germen é bastante variavel segundo as epizootias; em certos casos o contagio não atinge senão a parte dos animais de um estabelecimento ou de um rebanho, em outros casos, ao contrario, não ha um só animal que não seja atacado.

Nessas condições é facil de compreender que as epizootias não apresentam todas a mesma gravidade, umas produzem um numero consideravel de vítimas, outras vezes a mortandade é quasi nula.

Quanto ao tratamento preventivo, nada de aproveitavel até hoje se tem conseguido.

O Departamento Nacional da Produção Animal, vem se empenhando de ha muito no estudo das vacinas e séros imunizantes, porém, até agora não se têm resultados positivos desses trabalhos experimentais.

Sómente o tratamento curativo tem dado algum resultado, bem assim certas medidas e cuidados higienicos, tais como o isolamento dos doentes, desinfecção dos lugares por eles habitados, curativos das partes afetadas e finalmente uma super alimentação.

A lavagem das aftas da boca poderá ser feita com as seguintes soluções antisepticas:

Agua com creolina na solução de 2%;
Acido fenico na solução de 2%;
Clorato de Potassio a 3%;
Acido cloridrico e mel a 10%.

A aplicação desses medicamentos deve ser feita com o maximo cuidado, afim de que se não produzam ulceras na boca dos animais.

O mesmo tratamento se fará, quando a molestia se localizar nos cascos, sendo preferivel até as lavagens com sulfato de cobre na solução de 5%, obrigando-se ao mesmo tempo a passagem de todos os animais atacados ou não, em mangueiras cheias de agua de cal.

A alimentação deve merecer cuidados especiais por parte dos criadores, pois é sabido que os animais doentes só poderão comer alimentos macios, como capim verde, leguminosas tenras para que desse modo se torne mais facil a mastigação, pois do contrario ela será dolorosa e difficil, se fôr constituída de alimentos secos e duros.

Como principal medida de profilaxia devemos separar os animais atacados dos sãos,

evitar o movimento de gado nas estradas de rodagem, enterrando imediatamente os animais mortos.

Os animais atacados de febre aftosa, depois de curados ficam bastante enfraquecidos, sendo necessario tonifica-los convenientemente.

A tonificação do organismo doente pode ser feita por meio do acido arsenioso, na dose de 1/2 ou 1 grama por dia, misturada com a ração.

Transmissão da febre aftosa à especie humana

A febre aftosa é rara na especie humana, porem, na maior parte dos casos observados é o leite proveniente de vacas apresentando aftas sobre o ubere que serve de veículo a esse meio de contagio.

A manteiga e os queijos fabricados com o leite proveniente de vacas atacadas de febre aftosa tambem podem transmitir o virus causador dessa doença, mas esse meio de contaminação é excepcionalmente raro.

Hertwig, Mann e Villain, fizeram experiencias sobre eles mesmos, bebendo leite cru proveniente de vacas atingidas de febre aftosa e os experimentadores viram aparecer ao cabo de dois dias, sobre a mucosa bucal e suas mãos, as vesiculas carateristicas da molestia, ao mesmo tempo que apareciam os fenomenos febris.

Essa experiencia não deixou nenhuma duvida sobre a possibilidade da transmissão da febre aftosa por meio do leite cru.

Já tivemos ocasião de dizer, quando tratamos da febre aftosa na especie bovina, que o leite poderia ser ingerido desde que fosse levado a ebulição, isto é, bem fervido, mas que assim mesmo este produto tornava-se perigoso em virtude de conter as toxinas secretada pelo virus aftoso, toxinas essas que iriam produzir perturbações para o lado do aparelho digestivo, com fenomenos febris.

A transmissão da febre aftosa é muito facil de se dar nas crianças, pois é sabido que muitas mães alimentam seus filhos com leite de vaca.

Por essa razão deve-se ter o maximo cuidado de alimentar as crianças com esse genero alimenticio, sendo conveniente ferver bem o leite, antes de usa-lo.

As pessoas que tratam do gado tambem se podem infectar, desde que por um descuido levem á boca as mãos sujas de materias virulentas.

Tem-se observado muitas vezes os casos de contaminação entre os cortadores de carne,

(magarefes) que nos matadouros abatem animais atingidos por essa molestia.

Na especie humana, como nos animais, o aparecimento da erupção aftosa é precedido de um periodo prodromico caraterizado por um ligeiro movimento febril, abatimento, cefalgia e dores nos membros; a mucosa bucal apresenta-se vermelha e tumefada e a salivação é abundante.

As aftas se assestam geralmente sobre os beiços, bochechas e sobre a lingua, e raramente na parte exterior entre a boca e o nariz.

A ruptura dessas aftas dá lugar a pequenas ulcerações dolorosas, os ganglios linfaticos dessa região apresentam-se quasi sempre engorgitados. Nos individuos que tratam de animais pode-se observar, mas o caso é raro, a formação de aftas, sobre os dedos, com panaricios consecutivos. Nas crianças, a febre aftosa pode-se complicar com o catarro gastro intestinal.

A evolução da infecção no homem, assemelha-se perfeitamente ao quadro clinico observado nos animais, conservando quasi sempre o carater benigno. No animal, como na especie humana, o diagnostico de uma febre aftosa tipica não apresenta nenhuma dificuldade, pois as lesões são bem carateristicas.

Algumas vezes a molestia pode-se confundir com uma erupção banal, a stomatite ulcerosa, feridas da boca, stomatite mercurial ou com uma faringite.

Nas formas mais graves confunde-se com uma interite aguda, congestão pulmonar, pasteurelose, etc.

As provas de laboratorio nos tirarão qualquer duvida existente. A profilaxia da febre aftosa na especie humana depende principalmente dos cuidados que se deve ter com relação aos animais e ao leite que vai ser dado a consumo.

Como já tivemos ocasião de dizer mais atraz a secretação dos animais infectados nos estabelecimentos e a desinfecção minuciosa deles nos fins das epizootias constituem, com a upressão ou limitação dos mercados e feiras e isolamento das pastagens contaminadas, a mais importante das medidas preventivas a opor ao contagio, quer na especie humana, quer nos animais.

Na especie humana, a profilaxia da febre aftosa consiste somente em se abster do leite proveniente de estabelecimentos em que grasse a molestia e não permitir a confeção de manteiga, queijos e outros produtos fa-

 **Annunciae em**



A LAVOURA



VIII Exposição Nacional de animais e productos derivados

VENDAS DE ANIMAIS

As vendas de animais realizadas durante a Exposição compreendem o total de 524 exemplares, na importância de 1.345.095\$000.

O número de animais vendidos de cada espécie, foi o seguinte:

ESPECIES	Número de animais	Importancia da venda
Bovinos	280	1.097:950\$000
Equinos	50	162:750\$000
Asininos	7	32:600\$000
Ovinos	26	19:400\$000
Suínos	34	15:900\$000
Búfalos	3	4:000\$000
Caprinos	7	2:920\$000
Coelhos	28	1:285\$000
Aves	89	8:290\$000
Soma	524	1.345:095\$000

Procedências, número e importância dos animais vendidos.

[illegible]

Animais vendidos com indicação do número de cada raça e respectivas importâncias:

ESPECIES E RAÇAS	Número de animais	Importancia da venda	Total por espécie
<i>BOVINOS — Raças:</i>			
Holandêsa	88	309:800\$000	
Indubrasil	25	103:000\$000	
Guzerat	37	101:750\$000	
Polled Angus	13	74:000\$000	
Schwyz	16	67:300\$000	
Jersey	20	64:500\$000	
Hereford	6	62:700\$000	
Gyr	10	59:500\$000	
Normanda	7	53:000\$000	
Shorthorn	4	48:200\$000	
Guernsey	14	40:500\$000	
Nellore	15	35:100\$000	
Devon	6	26:000\$000	
Mocha Nacional	8	15:000\$000	
Limousine	1	15:000\$000	
Caracú	7	10:000\$000	
Red Polled	2	9:600\$000	
Katiawa	1	3:000\$000	1.097:950\$000
	280	1.097:950\$000	
<i>EQUINOS — Raças:</i>			
Mangalarga	16	38:000\$000	
Mangalarga mineiro	8	28:000\$000	
Bretão postier	1	19:600\$000	
Normanda	1	19:000\$000	
Campolina	8	18:350\$000	
Ciroula do Rio Grande	6	15:300\$000	
Andaluz	2	9:000\$000	
Arabe	2	9:000\$000	
Mestiça Inglêsa	5	6:200\$000	
Meio sangue Arabe	1	300\$000	162:750\$000
	50	162:750\$000	
<i>ASININOS — Raças:</i>			
Italiana	3	23500\$000	
Tipo paulista	2	6:000\$000	
Catalã	1	2:500\$000	
Tipo Pêga	1	600\$000	32:600\$000
	7	32:600\$000	
<i>CAPRINOS — Raças:</i>			
Anglo Nubiana	5	2:400\$000	
Nubiana	2	520\$000	2:920\$000
	7	2:920\$000	

ESPECIES) RAÇAS	Número de animais	Importancia da venda	Total por espécie	
OVINOS — Raças:				
Rommey Marsh	18	13:600\$000	19:400\$000	
Ile de France	1	3:000\$000		
Shropshire	6	1:800\$000		
Suffolk	1	1:000\$000		
	26	19:400\$000		
SUINOS — Raças:				
Duroc-Jersey	8	4:800\$000	15:900\$000	
Edelshwein	3	3:900\$000		
Caruncho	10	2:800\$000		
Berkshire	3	1:500\$000		
Poland China	4	1:000\$000		
Yorkshire	1	800\$000		
Hampshire	2	600\$000		
Canastra	3	500\$000		
	34	15:900\$000		
BUFALOS	3	4:000\$000	4:000\$000	
	3			
COELHOS — Raças:				
Chinchila		600\$000	1:285\$000	
Gigante de Flandres	2	250\$000		
Lynx Rex	6	120\$000		
Angorá	3	60\$000		
Belier	3	60\$000		
	3	60\$000		
Havana	3	60\$000		
Gigante Branco	3	45\$000		
Azul de Viena	2	30\$000		
	28	1:285\$000		
GALINACEOS — Raças:				
Light Sussex	18	2:150\$000	7:530\$000	
Combatente	11	1:400\$000		
Plymouth Rock Barrada	4	800\$000		
Wyandotte	8	740\$000		
Leghorn	5	680\$000		
Australorp Preta	5	600\$000		
Gigante Negra Jersey	2	400\$000		
Mestiça Gigante	12	200\$000		
Minorca	3	140\$000		
Conchinchina	4	120\$000		
Malayo	2	120\$000		
Barbuda Brasileira	1	100\$000		
Sedosa do Japão	2	80\$000		
	77	7:530\$000		

ESPECIES E RAÇAS	Número de animais	Importancia da venda	Total por espécie
<i>PALMIPEDES — Raças:</i>			
Ypê Guazú	4	200\$000	360\$000
Marrecos de Rouen	2	160\$000	
	6	360\$000	
<i>COLOMBINOS</i>			
Pombos correios	6	400\$000	400\$000
Total			1.345:0"5\$000

O PÃO MIXTO

O Sr. Ministro da Agricultura convocou uma reunião dos representantes dos moageiros, plantadores e industriais de farinhas para discutir sobre as misturas oficiais a serem adotadas na fabricação desse pão.

Finda a reunião ficou deliberado o seguinte:

Que a taxa de extração para a moagem de trigo seja reduzida de 80% para 76% e mistura atual permanecerá até que seja esgotado o *stock* de farinha de milho e arroz. Nessa ocasião, desaparecido o *stock* desses produtos, será a taxa de mandioca elevada, de acordo com as disponibilidades.

O Ministro Fernando Costa determinou ao Serviço de Fiscalização do Comércio de Farinhas providencias para que seja feito o imediato levantamento do *stock* de farinha de milho e de arroz, afim de que possa ser determinado, quando se cessará a mistura de milho e de arroz, tendo em vista o desejo do consumidor.

Pelas discussões havidas ficou esclarecido que a má aceitação do pão mixto, ultimamente adotado, foi devida á extração de moagem de 80% e também em virtude da deficiência tecnica panificadora.

Consumo interno e exportação do algodão americano

O *Bureau of Agricultural Economics* anunciou, no dia 4 de Novembro ultimo, que o aumento do consumo interno do algodão norte-americano e a melhoria de preços nos mercados externos, com o acrescimo sensível que se tem verificado nas exportações, foram os fatores que caracterizaram o mercado de algodão no mês de Setembro de 1939.

O consumo de algodão nos Estados Unidos, pelos estabelecimentos fabris, em Setembro, aumentor de 10% em comparação com o mês de Agosto, sendo aparente que tenha

ocorrido um novo aumento no mês de Outubro.

As exportações de algodão americano, no periodo de 1.º de Agosto a 25 de Outubro atingiram a 1.470.000 fardos, ou seja um aumento assinalado de 47 *por cento* sobre as vendas no mesmo periodo de 1938.

A partir da data da aplicação do subsídio á exportação até 25 de Outubro, haviam sido registadas vendas de 3.026.026 de fardos, destinados aos mercados consumidores de outros países.

ESSÊNCIAS EXTRATIVAS. ESPECIARIAS

A «FAVA TONKA», ou «SARRAPIA», indústria em Venezuela

Stewart E. Mc Millin, Consul americano

A fava Tonka, conhecida em Venezuela como "Sarrapia", é semente de uma árvore favacea (*Coumarouna odorata*), nativa da velha Guiana ou Guayna, a que pertence, atualmente, o Estado Venezuelano de Bolívar. Essa árvore dá-se, todavia, muito bem em várias regiões da Venezuela e quando cultivada pode tornar-se importantíssimo artigo de comércio.

A fava tem um aroma muito agradável, devido á presença de coumarin, conhecido na localidade por "cumarina". E' muito empregado nos Estados Unidos para aromatizar o tabaco. Coumarin é a essência concentrada da fava Tonka. O verdadeiro coumarin é uma substancia cristalina, branca $C_9H_6O_2$, de aroma semelhante ao da baunilha, considerado como — anidrido de ácido ortocumarico, segundo definição de Webster e aproveitado para várias essências. E' também encontrado em outras plantas, feito artificialmente, mas a fava "Tonka" constitue uma das fontes principais, a mais perfeita. E' empregada em perfumaria, em essências para doces, para aromatizar sabões, e transformada em finas laminas, empresta fragrancia aos tabacos amarelos da Virginia e aos tipos do Egito e da Turquia.

O fruto apresenta semelhança com a manga em côr e formato, embora menor. Possui, internamente, espessa membrana, envolvendo a amendoa. A amendoa devidamente tratada se torna artigo de comércio e os cristais de coumarin obtidos por um processo com alcool, igualmente. (O fruto seco cortado ao meio, para mostrar a membrana e a amendoa, é exportado, separadamente, com alguns caroços para mostrar a natureza do fruto e sua semente).

SARRAPIA encontrada em estado selvagem em Venezuela

Encontram-se, em antigos livros, referências muito ligeiras a essa classe de árvore da Venezuela. Nada adiantam quanto á sua importancia e origem. Quase toda a Sarrapia explorada na Venezuela é selvagem, nativa no Estado de Bolívia, em Caura, no territorio de Amazonas, em geral longe de centros exportadores. O governo é, com raras excepções, proprietário, das maiores extensões de terras em que ha "Sarapia"; da que é explorada. E nessas terras, as plantas se acham em estado selvagem.

A maioria da sarrapia é explorada comercialmente nessas propriedades em Caura, nas regiões chamadas Cano, Guayapo, Sua-pure, Temblador, La Prision e em outras bem distantes como Cangrejos.

Não existem atualmente *cultivadores* de sarrapia. Os fazendeiros possuem árvores em pequena escala, principalmente, á sombra das plantações de cacau em Borburata, perto de Puerto Cabello, em Rio Chico, no Estado de Miranda e em algumas outras plantações em outros Estados. Produz muito bem e dá boas colheitas nos Estados de Monaga, Sucre, Anzoategui e Carabobo. E' corrente que essa árvore se aclimata muito bem em toda Venezuela, especialmente, nas regiões costeiras, e no interior de terras de fertilidade média e solo relativamente profundo.

Periodo de Produção

As plantas começam a produzir nesse país dentro de dezoito meses desde a plantação, embora, é verdade, em pequena quantidade. Com a idade de três anos produzem colheitas regulares. Em quase todas as regiões do país, segundo dizem, as arvores produzem durante cincoenta anos ou mais. A colheita começa em Março e acaba em Junho ou Julho.

Exportações de sarrapia

Segundo os dados fornecidos para este officio, pelo ministro do Fomento na Venezuela as exportações de sarrapia, que ascendem praticamente á toda colheita produzida desde pouco tempo de sua applicação no país, foi, nos doze ultimos anos, começando em 1926:

	Kilos	Valor em bolívares
1926	130,909	681,815.
1927	7,339	224,996,60
1928	31,143	156,385.60
1929	191,894	961,221.
1930	19,430	91,070.
1931	254,841	1,252,961.
1932	97,907	480,389.
1933	15,593	82,340.
1934	424,181	2,113,934.
1935	30,615	181,497.
1936	377,124	1,885,509.
1937	22,412	148,900.
1938	59,800	(colheita para
1938 nem toda exportada ainda).		

E. observável que um ano de boa produção é seguido por um ou dois de produção fraca ou nula. Torna-se, por esse motivo difícil, obter comitentes e organizar o trabalho. A incerteza das colheitas é um dos motivos pelos quaes as árvores não são cultivadas por plantadores.

Segundo estatísticas de exportação da Venezuela, somente 1134 kilos de sarrapia (favas Tonka) foram para os Estados Unidos em 1936, enquanto que 375,990 seguiram para Trinidad. Foram remetidos para Trinidad para cristalização, por ser mais barato ali o rum com que são preparadas.

Os cálculos da exportação de sarrapia em 1937 não estão ainda regulares, mas é provável que esse panorama se modifique, afim de persuadir os compradores locais a cristalizarem a sarrapia na Venezuela. Um decreto baixado em 9 de Janeiro de 1937 estabeleceu uma taxa *ad-valorem* a 10% para exportação da fava quando não cristalizada. Estabeleceram preços especiais, na mesma ocasião, para os cristalizadores que aplicavam o alcool em manipulações.

Qualidade e preços da fava tonka de Venezuela (Sarrapia)

Conquanto preparada de modo muito rudimentar, que pouco variou em 400 anos, a Sarrapia de Venezuela é considerada uma das melhores e a que melhor preço obtem no mercado. Os preços variam muito, devido á irregularidade da produção, mas são, atualmente, muito altos. Ao cabo de dois anos de produção fraca, diz a revista americana "Oil, Paint Drugs & Reporter" de 6 de Junho de 1938 ter obtido a "Sarrapia Angustura" (é assim vulgarmente designada no mercado americano) \$2. 50 a \$2.70 por libra em New York. Quase toda a sarrapia de Venezuela é idêntica em qualidade. É classificada como de 1.^a e de 2.^a; a ultima referindo-se á muito madura, aos caroços pequenos, quebrados, inferiores que, em 1936, obtinha 13% e sendo esse um ano de boa produção. As encomendas de 2.^o deram cerca de 50% do preço recebido pela sarrapia de primeira classe. Em 1936, os produtores de sarrapia estavam recebendo perto de 200 bolivianos por quintal (46 kilos ou sejam 101,41 libras), que no cambio atual regulam mais ou menos 63 nos Estados Unidos, mas era, muito menos, naquela ocasião.

Havia a sarrapia passado por muitas mãos, e ao chegar á junta, ou associação de compradores, estava pelo dobro do preço, com um acrescimo de 50 bolívares por quintal, ou cerca de 15 (Estados Unidos centimos) por libra, baixando na cidade de Bolivar, onde o preço total, então corrente, era cerca de \$1.20. Estados Unidos cent. por libra.

Depois da cristalização em Trinidad, é vendida no mercado de New York por \$160 por libra, o que consideram excelente preço. A alta cotação em Junho deste ano, como ficou dito acima, foi acima da habitual. Contudo, não somente a escassez do produto na ocasião, como o fato dos vendedores forçarem o preço, foi causa da elevação exagerada dele. Trinidad, Brazil e mais alguns países produzem em pequena proporção a sarrapia, mas Venezuela mantem o monopólio.

A colheita da sarrapia selvagem

Quando maduros os frutos de Tonka têm uma coloração verde amarelada, lembram pequenas mangas, exhalam um perfume característico. Caem da árvore ou são tirados com páus ou pelos morcegos. Os frutos são apanhados no chão pelos trabalhadores e postos a secar ao sol até adquirirem uma cor castanha escura. São partidos cuidadosamente e o caroço (semente da tonka ou sarrapia), do tamanho mais ou menos de uma amendoa, é então tirado. Parece que até agora não deram atenção á membrana interna do caroço da sarrapia, mas o perfume e o oleo adocicado devem conter substancias de valor comercial. Todo o trabalho de extração do caroço é feito á mão, com instrumentos rudimentares como martelos, pedras, etc. Os colhedores de sarrapia não têm salarios fixos, colhem os frutos, extraem os caroços e os vendem aos contratantes, variando os preços, o volume da colheita, o preço da ocasião, a falta ou abundancia de colhedores.

Preparação para o mercado

A sarrapia deve ser cristalizada para ser exportada, isto é, submetida á imersão no alcool. Rum é a forma de alcool usada exclusivamente, mas o processo varia conforme a gradação do alcool, o tempo de imersão, a secagem, etc., conforme o caso e constitue um segredo dos cristalizadores.

As favas ou caroços são limpos, colocados em pequenos barris, e depois de cobertos com rum, ficam conservados fechados, por algum tempo, ou cerca de três meses. O alcool é depois retirado, guardado para futuras operações de cristalização, os caroços inchados postos em fundas bandejas e expostos em salas escuras. Depois de secos toniam a cor e consistencia da ameixa seca e a forma de pequena amendoa. Esses caroços depois de secos ficam cobertos de pequenos cristais brancos.

Coumarin

Os cristais do coumarin são a essência da fava Tonka descrita na primeira pagina deste officio. São formados pelo alcool e o cou-

marin extraído do caroço é conservado para ao secar lentamente não perder com a evaporação. O coumarin é aplicado como essência, conforme ficou descrito neste ofício e os preços regulam 20 bolívares (cerca de 66.25 E. U. c.) por kilo e mais.

Sarrapia

A fava ou amendoa com os cristais de coumarin e as lamínas que retiram é a sarrapia ou fava Tonka do comércio, cujos preços foram dados na pagina 3 deste ofício. Todavia, a-pesar-de praticamente despojada dos cristais quando vendida no comércio, a Tonka ainda contém grande quantidade de coumarin, que é aproveitado para a essência.

Essência de fava Tonka

Conforme dissemos pequenas quantidades de coumarin são aproveitadas para o rapé. São também aplicadas para o fumo de mascar. A principal função da sarrapia no fumo provem do fava ou caroço. Companhias de fumo moem ou maceram o caroço, pondo-o no alcool, por três meses. O liquido retirado é a essência da fava Tonka. O coumarin, o rum embebido na fava e o alcool da imersão formam uma mistura que espalham sobre cigarros, dando-lhes esse aroma tão conhecido que se desprende dos pacotes de cigarros americanos, assim os abrimos.

Sarrapia cristalizada

Ultimamente, o que, nós, chamamos "sarrapia cristalizada", se tornou artigo de comércio. Não são ainda conhecidos os dados quando ao valor e quantidade exportada. Cabe ao Ministro do Fomento de Caracas a noticia rescritiva da cristalização: o que fica

do coumarin, do rum, de outras substancias, o que resta para novas operações, bem como resultante de evaporação.

O coumarin não é exportado separadamente, mas dado com a *sarrapia*, que é o nome local atribuido á arvore, ao fruto, ao caroço, á fava e ainda ao liquido utilizado para a imersão ou maceração. Não existe ainda uma análise perfeita da fava Tonka. Segundo o Ministro do Fomento, contém 32% o que parece exagerado. Mas, em qualquer caso, boa, de coumarin parte dessa essência é empregada pelas companhias, conforme foi descrito acima.

Lugares de embarque

Dos 377,124 kilos de fava Tonka embarcados na Venezuela em 1938 somente 4,500 kilos vieram da cidade de Bolivar pelo rio Orinoco. Pequena quantidade dessas duas toneladas métricas foram para Puerto Cabello e eram provavelmente de sarrapia cultivada. O produto sae em pequenos vapores de Port of Spain, Trinidad onde é cristalizado e volta de novo embarcado.

Dificuldades encontradas na industria

A cultura da sarrapia seria altamente remunerativa em vista do seu valor e dos altos preços, mas tem encontrado certos obstáculos.

A irregularidade das colheitas parece ter desencorajado a cultura local. A sarrapia selvagem é encontrada em muitos lugares de acesso difficil, longe dos portos de embarque. Seria interessante conhecer a causa do insucesso quasi total da cultura, em certos anos e principalmente como controlar e modificar esses fatores na cultura da sarrapia em Venezuela. Até aqui o alto custo do rum para a cristalização local retardou e absorveu todos os beneficios da colheita, tornando, atualmente, a colheita do produto, um monopolio do governo.

ATELIER DE GRAVURAS SILVA & BARRETO GRAVADORES



43, Avenida Gomes Freire, 43

Telephone 22-6894

RIO DE JANEIRO

MELHOREMOS NOSSOS COUROS

Os couros bovinos e seus defeitos no Brasil

Eng. Agr. João Viana Sobrinho

Ninguém ignora a má qualidade dos couros vacuns brasileiros. E essa má qualidade é derivada de diversos fatores: bernês, arame farpado, agulhão, carrapatos, marcas a fogo, má salga, má séca, (falta de envenenamento) o que possibilita o aparecimento da polia ou polilha e desmestos; má tiragem, etc. Isso é causa do baixíssimo preço que atingem os couros de procedência brasileira em qualquer mercado estrangeiro e mesmo no mercado interno.

Além do prejuízo que nos traz essa desvalorização do artigo nacional para exportação, temos ainda a considerar a impossibilidade em que se vê a indústria de couros (cortumes e manufaturas de artigos de couros, sola e peles) brasileira, de fabricar produtos que rivalizem em qualidade com os estrangeiros, de modo que só podemos produzir quasi que solas somente, que é o produto mais grosseiro do couro. E essa impossibilidade de produzir artigos finos nos leva á obrigação de importar desde a vaqueta para o calçado até o couro curtido para produtos mais delicados, como luvas, bolsas, carteiras, etc. os quais nos custam caríssimo. O estrangeiro só recorre á nossa produção de couros quando de todo não encontra onde adquirir artigo melhor; assim, só durante os tempos de guerra ou de ameaça de guerra se dignam comprar-nos couros.

Lembramo-nos que, durante a guerra, o couro atingia a 4\$000 e 5\$000 por quilo com o cambio a 18d. mais ou menos) o que equivalia a mais de 15\$000 ao cambio de hoje. No entanto, atualmente, o melhor couro de 1a-Sêco, sem sal, não atinge a 3\$000 por quilo no litoral...

E o couro salgado, verde, não ultrapassou a 800 a 1\$000 quando superiores, classificados, bem escorridos, etc. tendo atingido a quasi 3\$000 por quilo em ocasiões de guerra. Mas, si algumas — a maior parte, infelizmente — das causas de desvalorização dos couros brasileiros são de difícil remedio, algumas ha, entretanto, que dependem de boa vontade somente e nenhum gasto de dinheiro. Ao simples exame dos couros acima apontados, vemos que podem ser facilmente removidos os seguintes: 1 — marcas a fogo (ferro quente) 2 — má salga — 3 má séca — 4 — falta de envenenamento — 5 má tiragem — 6 — Agulhão — 7 — couros cozinhados.

E essas causas são menos danosas aos couros do que as outras, pois todas elas causam prejuizos mais ou menos avultados, possivelmente até maiores do que os motivados por bernês, que constituem uma das principais causas da depreciação dos nossos couros. Assim, um couro pode ter 200 bernês mais ou menos reunidos e ter o restante, cropon e flancos, bom, sem o minimo defeito, sem marca, de fogo, sem pelados, sem cortes, sem buracos, sem ardidos, etc. E um couro pode não ter bernês, mas, sendo ardido, nada valerá. E o ardido nada mais é do que o couro mal secado ou mal salgado. Assim, sugerimos á SOCIEDADE MINEIRA DE AGRICULTURA dirigir-se ao Governo do Estado, pela sua repartição competente, a Secretaria da Agricultura, pedindo uma regulamentação dos sitios em que seja permitido ferrar o animal, boi, cavalo ou outro qualquer e nos lembramos de que poderiam ser sugeridos ao Sr. Secretario da Agricultura, a cabeça e a parte que fica acima do escudo, correspondendo á cham de dentro, para serem marcadas a fogo. Para marcar a fogo, tambem, se prestam os chifres, e, para marcas por meio de arruelas ou botões, contendo inscrições, as orelhas, como já se usa na Europa, Estados Unidos, Argentina, etc.

Localizamos as marcas nesses lugares, por serem os de menor ou nenhum valor comercial. E as ancas lugares preteridos para as marcas a fogo, sob o pretexto de serem facilmente visiveis quando se persegue o animal, constituem a parte dos couros e da carne mais valorizadas, sendo o couro aí mais forte, firme e mais grosso. Na Inglaterra e em outros países em que já se acha regulamentada a marcação a fogo, incluem tambem a região do pescoço o que tambem se poderia incluir aqui como uma concessão provisoria, o que, aliás, não é de vantagem alguma, pois é tambem uma parte que pode ser bem aproveitada por ser geralmente isenta de bernês. Lembramo-nos de que, na Australia, aquele que ferrar o animal fóra das partes onde isso é permitido fica sujeito á multa de uma libra esterlina, por cabeça assim encontrada, o que equivale hoje quasi ao preço de uma rez magra no nosso interior. E ha couros que têm 5 ou mais marcas a fogo, o que quer dizer que um couro assim estará interdito á fabricação de correias boas pois a parte das ancas é a que mais se pres-

taria para êsse fim. Essa, a razão da fraqueza das nossas correias, porque aproveitamos o couro do corpo para êsse fim, o qual, perdida a parte das ancas, produz correias mais curtas, sujeitas, portanto a maior numero de emendas para um comprimento dado, em comparação com outras similares estrangeiras. Isto encarece e enfraquece o produto final.

Sobre os outros 6 casos de facil remoção que atraz classificamos, uma forte propaganda pela imprensa e diretamente entre os seus associados, pelas sociedades e pelas escolas de agricultura e veterinaria, pelos mestres de cultura, pelos agrônomos e pelos interessados em geral (comerciantes e industriais de couros e peles) surtiria em pouco tempo os melhores efeitos, conseguindo afastar umas causas de depreciação que vão em ascensão constante nestes ultimos anos. Do arquivo da fabrica de tacos, correias e para-choques "Viana", que temos a honra de dirigir, tendo gasto mais de 12.000 couros em cerca de 17 anos de trabalhos, extraímos os seguintes dados, que dão bem uma idéia do descaso reinante na preparação de couros, o qual vem aumentando em um crescendo assustador. Atualmente somos forçados a abandonar eses couros secos, por causa da grande quantidade de couros ardidados (couros que se conservam embolados, sem sal ou com sal insuficiente, durante perto de 24 horas, antes de serem espedados a secar, ou colocados nas pilhas de couros salgados) e, mesmo dentre os couros salgados, secos ou verdes temos a distinguir os que receberam quantidade insuficiente por uma má compreensão dos cortadores, açougueiros ou salgadores, que julgam ser isso medida de economia. Isto é

um grande erro, porquanto, penetrando bem o sal no couro, este poderá ser vendido por preço mais alto ao passo que, não penetrando, permanecerá na salgadeira, sujeito a salgas sucessivas. A fabrica de tacos Viana tem espalhado por todos os municípios mineiros uma circular ensinando o preparo dos couros, de modo a garantir a salvaguarda da sua qualidade. Dessa circular, em linguagem simples, destinada como é, a gente simples do interior, juntamos alguns exemplares.

Do norte de Minas tem a fabrica Viana recebido couros secados ao calor do fogo, mas tão proximo que se podem considerar como couros cozidos, couros que não têm resistencia alguma. Isso fazem os açougueiros nos tempos de chuva, esquecendo-se de que o melhor seria salga-los bem. Ha certas zonas especializadas em couros mal salgados, mal tratados. Assim, as zonas da Estrada de Ferro Oeste de Minas e Paracatu' figuram nos nossos registros como fornecedoras dos piores couros que temos recebido ultimamente.

Dessa zona, 20 a 50% dos couros é constituida por couros ardidados. Na zona da Central é muito menor esta produção, uns 4 a 8% somente. Sobre bernas, podemos dizer que tirando os couros do Norte de Minas, dos quais 80 a 90% é de couros limpos, podemos dizer que nas outras zonas sucede o inverso — 95% são couros bernados, e a berneira se engrossa pela natural defesa do corpo contra o berne, de modo a pesar 5 — 10 vezes mais do que igual superficie de couro limpo sem bernas, o que vem aumentar o prejuizo que causam.

PAPELARIA MENDES

FUNDADA EM 1856

Accessorios
para arquivos
em geral

Artigos de
expediente,
desenho e
engenharia

SOBRAL, SOUZA & Cia.

RUA OUVIDOR, 60

TEL. 23-4418

RIO DE JANEIRO

Officinas de
Typographia,
Encadernação
e Pautação

Livros em
branco para
contabilidade

Esta revista foi impressa e confeccionada em nossas officinas

Os asininos no Brasil

Os asininos são os ascendentes diretos desse importante produto híbrido responsável em nosso país pela solução de todo o imenso problema de tração animal — os muares.

Dando uma filiação mais forte e mais própria que qualquer outra para essa espécie de trabalho, e, por isso mesmo, sendo empregado em nosso país desde épocas quasi esquecidas, torna-se interessante procurar fazer-se um recenseamento histórico da criação de asininos em nosso país, mostrando aos patricios empregados nas mais diversas atividades pela grandeza da Nação, que muito se tem feito e muito se vem trabalhando em nossos campos e fazendas pelo engrandecimento dessa importante fonte da nossa economia rural.

A historia da criação de asininos no Brasil remonta a épocas muito distantes. E a de seus descendentes, os muáres, também. O burro era o veículo mais apropriado da nossa antiguidade. Era o meio de transporte mais rápido, eficaz e lógico. Embrenhava-se pelos sertões distantes, para as zonas de mineração, sendo assim aproveitado por não haver na época estradas nem vias adrede preparadas.

Os, despenhadeiros, abismos, matas virgens, tudo ele varava auxiliando diretamente o explorador brasileiro na tarefa grandemente patriótica de penetrar o coração deste país, então selvagem, e de conduzir para mais longe ainda as linhas demarcadoras das nossas fronteiras.

A atenção dos primeiros formadores da civilização brasileira se voltou para as vantagens que poderiam advir da criação dos muáres. E para o bom comerciante da época não se poderia exigir melhor raciocínio. Dessa forma, pois, os asininos começaram a entrar em nosso país de modo mais sistematico, pois eram destinados á reprodução. E, a se julgar por essa forma na localização historica do nascimento dessa criação, devemos paralelizála com o ciclo da mineração, isto é, mais ou menos no ano de 1700.

Por esse tempo, no Maranhão, e em quasi todo o Norte do Brasil, desenvolveu-se a criação de cavalos e, em muito menor quantidade, a de muáres. No Sul, nas Missões, e em toda a fronteira com o Uruguai e com a Argentina, a criação se desenvolveu de tal maneira que o número de cavalos subiu a ponto desse animal não ter o menor valor no mercado.

Os animais, criados com o desenvolvimento da chamada. "Éra do tropeiro", iniciaram assim a fase do comercio de mulas e machos pelos registos de Viamão e Curitiba, em direção á Feira de Sorocaba, em S. Paulo, onde se vendiam anualmente cerca de 30.000 mulas para o trabalho do transporte de lavras das "minas gerais".

Esse comercio, em 1760, assumiu tal importância que, tendo alguns criadores mineiros iniciado nos Campos Gerais das Minas a criação de muáres, motivaram um officio de D. Luís Antonio de Sousa, capitão geral da capitania de São Paulo, solicitando a proibição dessa criação no territorio das Minas.

Ainda em 1770, o mesmo capitão geral reitera ao conde de Valadares, em Vila Rica, o pedido para a proibição da criação de muáres em Minas Gerais por perturbar o equilibrio economico da Feira de Sorocaba, na capitania de S. Paulo.

Mais tarde, com o decorrer das guerras sulriograndenses, a exportação de muáres daquela parte do Brasil foi muito prejudicada, tornando-se necessaria a criação desses animais no Estado de Minas, e, entre os primeiros criadores e mais conhecidos dessa época, destaca-se o padre Manuel Maria Torquato de Almeida, que, em 1810, na Fazenda do Cortume, na serra de Camapuã município de Entre Rios começou a criação de jumentos para a venda dos produtos, machos e mulas, que se valorizavam de dia a dia, para os serviços da mineração nos municípios circunvizinhos, chegando então cada muar a custar 12\$000 pela moeda da época, o que corresponde mais ou menos a 500\$000 do dinheiro atual.

Dentre muitos jumentos excelentes pela qualidade e que pertenciam ao rebanho do padre Torquato, destacava-se o de nome Néro, de origem talvez egipcia, visto como os seus produtos eram os mais apreciados entre os criadores daquela época.

Já em 1819, a criação desse padre e a de fazendas vizinhas das zonas Congonhas, S. Gonçalo, Lagôa Dourada e outras, era muito afamadas pelo seu ótimo tipo e qualidade.

O outro jumento célebre da historia dos asininos do Brasil foi o de nome "Pamorama", cujos produtos logo ganharam a maior

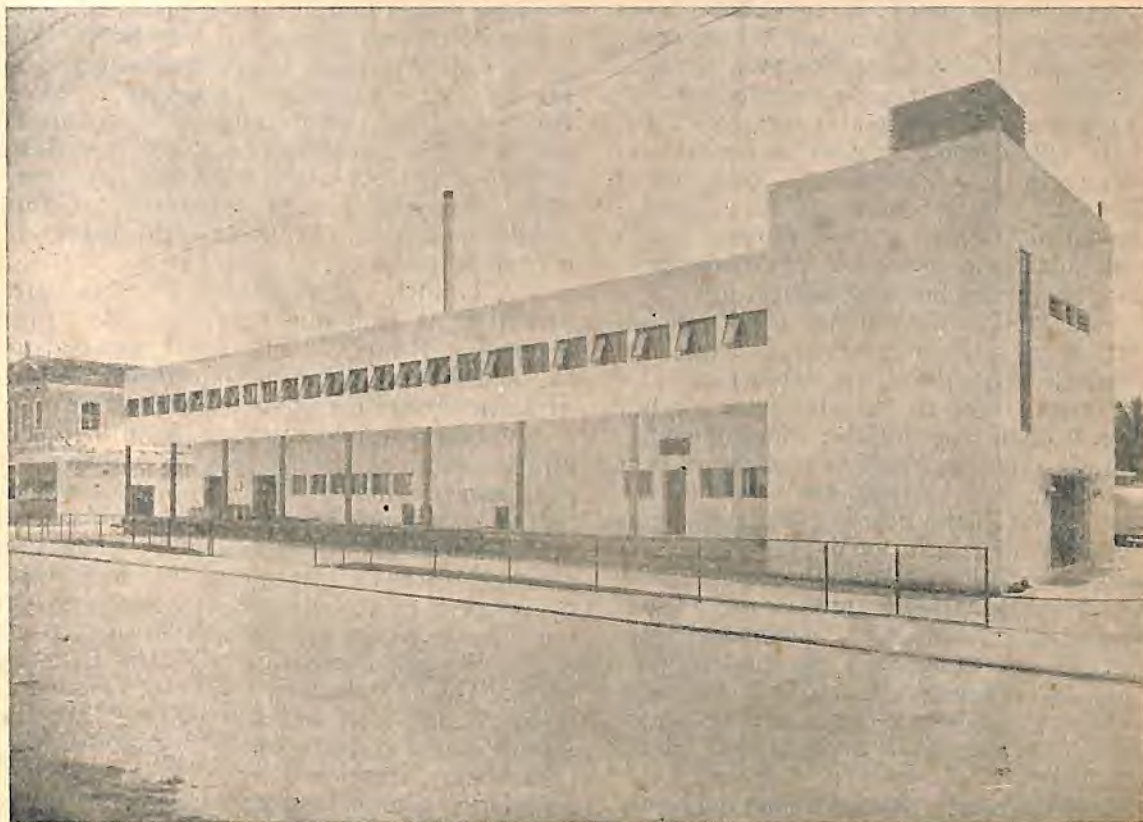
fama, sendo conhecidos por jumentos de marca "Pêga", por causa do sinal feito a fogo entre as suas orelhas e com a forma das algêmas de escravos foragidos que tinham aquela denominação característica.

Desde essa época, essa criação passou para as fazendas da família do coronel

Eduardo Vieira de Rezende, que ainda hoje cria essa raça, aperfeiçoando-a dia a dia.

Da zona de Lagoa Dourada, que é o centro dessa criação, saem hoje, para a exportação nos campos de cultura paulistas. capitania de São Paulo, cerca de 10.000 muâres anualmente, que vão auxiliar o tra-

Os Lactínicos em Pernambuco



Usina Hygienizadora de Leite do Recife

PROPONHA um seu amigo, lavrador ou criador, para socio da Sociedade Nacional de Agricultura
Utilize a formula destacavel, appensa a este numero.



A LARANJA E SEUS PROBLEMAS

Em sessão de Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, o Sr. Ismael Cordovil leu o seguinte trabalho:

Sr. Presidente.

E' um facto incontestavel, que ahi está desafiando contraditores, que o negocio das fructas, pelas suas subtilizas, suas contradições e seus paradoxos, é um verdadeiro complexo.

O abacaxi creou fama, foi para o dominio da giria e tem arrazado esperanças. Fortunas enorme stêm sido postas fóra com a banana. E' outro fructa que, só no nosso *folklore* faz engordar e faz crescer. E' com as nossas laranjas, que, se ainda não foram cantadas nem ridicularizadas, não obstante, têm sido glosadas pelo desespero, por muito producto e por muito poeta da agricultura.

Nesta rapidissima palestra vou tratar da laranja, apenas. Para informar á Sociedade Nacional de Agricultura que esbocei um plano, não para tiral-o da palheta, numa pintura côr-de-rosa, não para forjal-o com lantejoulas na doirada phantasia de um sonhador, nem para medil-o em "Alexandrinos" cantantes... Mas um plano, plano pela sua concepção pratica, muito realista e racional, plano 1939, sem lyrismo. Não fui ao Parnaso compol-o. Andei por Nova-Iguassú, entre chacaras. Estou na terra. Na realidade. E, se algum dia carpir uma decepção, não poderei me queixar, porque não foi tocado pela illusão, não foi inspirado em nenhum devaneio, que me lancei nessa empreitada que, para muitos, será, talvez, uma aventura.

Sr. Presidente. Affirmei acima que o negocio das fructas é um complexo e já declarei que, nesta ligeira palestra só trataria da laranja. Iniciarei demonstrando que o lindo e doirado pomo, cujas flores são tão decantadas e evôcam tantos sonhos, têm espinhos invisíveis na haste, e poucos têm sido aquelles que ainda não se picaram.

Das laranjas tem se dito muito e muito tem se escripto. Poucas vezes, porém, se ha procurado examinar o caso serissimo que ellas representam. Affirmam que nós as produzimos em excesso; entretanto, sessenta por cento dos brasileiros ou não conhecem ainda o seu paladar ou se conhecem, tão raras foram as provas, que delle já se esqueceram. Dizem que é negocio da China plantar laranjas e que mais "chinez" ainda é o negocio de vendel-as. Não fóra o respeito que me merece esta Casa e eu diria como disse o portuguez da anedocta da corrente de oiro: "As vezes..."

Os mercados internos constituem, verdadeiros problemas. Os de fóra, ás vezes, verdadeiros contos do vigario. Aliás, o que se dá

com a laranja, dá-se com muitos outros productos. Vejamos, por exemplo, o que se dá com a mamona: o agricultor lê no jornal a sua cotação — kilo 1\$200. Faz seus calculos. Somma as despesas do trato da terra, plantio, etc. e chega á conclusão que é optimo negocio plantar-a. Planta, colhe, e procura de novo o jornal. Lá está a cotação; kilo \$450. Assim se dá com a laranja, cujo exportador, ao saber da alta cotação, faz negocios, compra fructa e manda-a para Londres. Antes de chegar ao destino, a cotação era de 20 shillings: quando chega... está, não raro, pela terça parte. Exportar é uma aventura. Ganhar, quasi uma loteria. O que, de resto, talvez faça o negocio tentador.

A laranja, em virtude de varias causas, vive tangida pelo que eu chamo de "immediatismo". Principalmente agora, com a guerra. A colheita é feita quasi na hora do beneficiamento; este em cima do embarque.

Via de regra, com a situação anormal que atravessamos, os navios chegam e sahem repentinamente, mal dando tempo para um embarque menos precipitado. Não raro, seprehendem os exportadores com as chegadas e sahidas bruscas de navios que, ás vezes, até interrompem os embarques. Sabe-se que ha, que vem um navio, mas os dias de sua chegada e de sua partida, constituem verdadeiras surpresas. Quando chegam, estabelece-se um authenticos corre-corre nos barracões, trabalhando-se durante o dia e durante a noite, vertiginosamente, quasi sempre sem os cuidados necessarios a uma boa embalagem. As nossas exportações se fazem com atropelos. Atropelam-se os productores na apanha das fructas; atropelam-se os exportadores no beneficiamento; atropelam-se todos e, no fim, embarcadas as laranjas, a sensação não é de tranquillidade, mas de expectativa dolorosa. Sa hem da confusão, sahem da infernal confusão, para cahirem no caos. Termina a safra, chega Janeiro. Perpassa-se então o olhar em volta e o panorama é contristador. Um retrospecto, um exame pelo que passou e o que se observa faz dó. Plantou-se, colheu-se, exportou-se e... só tiraram proveito alguns, raros felizardos. A maioria, a quasi totalidade dos que deviam ser beneficiados porque trabalharam o anno todo, os productores, esses ganharam tão pouco que seria preferivel desistir, a prosseguir na *Via Crucis*. Gente abnegada, senhores, gente heroica essa que moureja nos campos! E tudo isso porque? Pela falta de organização. Tudo é feito ao léo da sorte. O casuismo impera, campeia a exploração. E como consequencia natural e logica, o atrazo

se estampa nos laranjaes que cada vez mais se inferiorisam, tornando-se defficitarios. Cresce, augmenta a percentagem de refugos, sendo raro o pomar que não produz a metade de fructas improprias para a exportação. E não ha mercados internos, e si os ha, não se conhecem e, si se conhecem, não sabem ou não podem attingil-os.

E não se diga que, corvejando sobre essas ruínas, os exportadores se locupletam, se empanturrem de vantagens. Não senhores, não, porque, a carniça é de ossos apenas. Faço-lhes justiça. Eu já pensei, também, que elles eram os unicos beneficiados, eram os algozes. Reconheço que ha exportadores que não tem escrupulos, que compram e não pagam as fructas, que fazem toda a sorte de traficancias. Mas ha muitos exportadores serios, honestos, que perdem tudo, que pagam á vista e que não exploram ninguém. Felizmente, os aventureiros já são conhecidos e, cautelosamente, todos os productores se affastaram delles. Basta passar em revista a lista, com mais de cem nomes, para se verificar que os que restam, talvez uns trinta, são os que resistem um exame na sua actualiação.

Os que ficaram, os que ahi estão, são uns abnegados também, alguns porque são simultaneamente productores e exportadores, outros porque, embora com grandes prejuizos, querem honrar os seus compromissos. Por causa de alguns máus elementos, estão pagando os bons. Ainda agora se articulam as mais amargas queixas e, não raro, se atiram pedradas, quando não si os adjectivam com improprios, os mais fortes. E, no entanto, bastaria um exame e um confronto, para se chegar á conclusão de que todos os exportadores estão perdendo dinheiro.

O negocio da laranja não é secreto, não é maçonaria, não se desenvolve sob planos mysteriosos. As cotações das fructas estão ahi, são publicadas, facilitando aos bem intencionados uma apreciação verdadeira e justa. Ora, sabendo-se a cotação das laranjas e o valor da libra e do peso argentino, á base dos quaes se fazem os negocios, facil, muito facil, é proceder-se á um calculo preciso.

A respeito do assumpto, rogo a V. Ex. Sr. Presidente, permissão para apresentar os seguintes calculos, baseados na cotação de hontem:

FRUTA PARA BUENOS AYRES

Preço actual (mais ou menos)	-6.00 (pesos)
Despesas em Buenos Ayres (mais ou menos)	\$0.90 (centavos)
	\$5.10

= 30% oficial = \$1.53 a rs.		
3\$800 = ...	5\$814	22\$164
= 70% livre = \$3.57 a rs.		
4\$580 = ...	16\$350	22\$164
Frete a Buenos Ayres	10\$500	
	11\$664	

Custo

Despesas com colheita, embalagem, transporte, material, despacho, imposto e embarque	12\$000
Despesas consulares (mais ou menos)	\$300
	12\$300
	11\$664
Prejuizo apurado	\$636

Alem da quantia da compra de fructa, cuja média é de 3\$000 por caixa.

FRUCTA PARA LIVERPOOL

Preço hoje 12 . a 13 . — shillings — média 12 6 shillings e 6 pences.	
Despesas em Londres, incluível frete antes da guerra	7 6 pences
Augmento de frete depois da declaração de guerra 2	
Seguro de guerra (mais ou menos)	9 10 3 pences
Liquido apurado na venda ..	2 3

Ao cambio de:

1 shiling — official	66\$300	3\$315
1 3 peny — livre	78\$500	4\$906

Liquido apurado FOB — Londres	8-221
--	-------

Custo

Despesas com colheita, embalagem, transporte, material, despacho, imposto e embarque	2\$260
Apurado FOB — Londres ..	8\$221

3\$779 de prejuizos, só nas despesas, fóra o custo da laranja que é mais ou menos Rs. 5\$000, a caixa.

Dadas estas explicações, inspiradas tão sómente por meu espirito de justiça, rogo permissão para proseguir na explicação do meu plano.

No Brasil raras são as verdadeiras industrias de productos agricolas. Raras são as or-

ganizações industriaes completas, perfeitas, capazes de retirar da materia prima todos os seus valores e utilidades. Geralmente, as organizações installadas entre nós não são de exploração industrial de um determinado producto, são méras industrias de exploração. Isso tanto se dá com as materias primas propriamente agricolas como, egualmente, com o leite. Temos uma exploração da industria de laticínios? Não! Temos uma industria de exploração de leite. E' por isso, senhores, que não exportamos nem um sub-producto, nem um derivado. E' por isso que sobra tanto leite. Não fossem méras industrias de exploração do leite, que acabam sendo, tambem, de exploração dos criadores, e teriamos a lactose, que importamos do estrangeiro, teriamos todos os typos de queijos e de manteigas, teriamos muita caseína teriamos o leite em pó, etc., para todo o nosso consumo interno e até para exportar.

Vejamos o que se passa com as nossas bananas. Que temos? Nada! E, no entanto, com os sessenta milhões de pseudo-caules que jogamos fóra todos os annos, poderíamos organizar uma industria que, só com a fabricação das celulosas, a "alva", a "alfa" e a "kraft", poderíamos realizar uma economia para o Brasil de algumas centenas de milhares de contos. Calculem, senhores, quanto gastamos com o papel para carta, para impressão e outros fins, que nos poderiam proporcionar a excellente celulose "kraft"; quanto consumimos em papel para embalagem que a celulose "alva" fornece e quanto a "alfa" celulose poderia economizar com a fabricação de vernizes, films, para photographias e seda vegetal! Imaginem, senhores, de quanto reduziríamos as nossas despesas no exterior si, com as fibras dos pseudos-caules fizéssemos as nossas passadeiras, as nossas cordas, os nossos tecidos! Mas ninguém quer saber disso. Os que tratam do assumpto só tem um objectivo: explorar a fructa! Poderia citar, mais, uma infinidade de casos. Dispensio-me de o fazer, porque, falo á uma assembléia de technicos e de competentes, para os quaes estou certamente repizando um assumpto conhecido e com certeza já estudado. Além disso, preciso voltar ao ponto que me propuz focalizar, nesta casa, não para apresental-o como uma novidade, mas para que a Sociedade Nacional de Agricultura fique inteirada de que, quanto á laranja, ha perspectiva da montagem de uma verdadeira organização industrial, com a qual se operará o milagre de tornar defficitaria a nossa actual excessiva producção.

Procuo imprimir á citricultura fluminense directivas certas e completivas, capazes de solucionar o complexo que tanto acabrunha os productores. Como economista rural, não limitarei minha acção á fructa. Descerei aos pomares. Depois irei á industrialização do pro-

ducto. Mais, ainda, organizarei o seu commercio, tanto dentro do paiz, como, tanto quanto possível, fóra delle.

Já tenho, como etapa vencida galhardamente, a organização, por assim dizer, economico-profissional dos citricultores, através do cooperativismo. Com as cooperativas, mal sahidas da phase de sua constituição, sem pratica, com mil e uma difficuldades, já demonstrei a sua efficiencia, exportando este anno, cerca de trezentas mil caixas. Corrigi o habito, de puro e evidente mau gosto, de se venderem as fructas, nos mercados internos, em caixas de kerozene e de bacalháu, fazendo com que se adoptassem embalagens quasi eguaes ás que são adoptadas para as laranjas de exportação. Estou providenciando para mandar, a titulo de propaganda, as laranjas fluminenses para quase todas as capitais dos nossos Estados nordestinos, preparando, assim, terreno para a sua collocação futura em maior escala. Quero corrigir os laranjaes visando o problema dos refugos, mas, como a eliminação dessas fructas é impossivel, cederei á realidade, cogitando da criação de mercados internos, alguns tão bons ou melhores que muitos outros do exterior. Não obstante, com o tratamento dos pomares, melhorarei o padrão, mesmo porque, ha refugos que, mesmo para os mercados nacionaes, não servem. Sou daquelles que entendem que os productos, pelo facto de serem consumidos no paiz, não devem, por isso, ser inferiores. Conto com o apoio do eminente Director do Serviço de Economia Rural, Dr. Arthur Torres Filho, nosso preclaro presidente, para levar á bom termo, com seus conselhos, a obra iniciada; conto com o amparo do Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Fernando Costa, a cujo dynamismo realizador peço licença para reverenciar; e conto com a minha fé e com a minha coragem, que até hoje têm sido insusceptíveis de fraquezas, mesmo deante dos poderosos, tocados pela inveja, e dos plutocratas que fazem do dinheiro arma de exploração. E' nessa força moral e é naquella apoio, que eu me escudo para levar avante a ardua empreitada.

Estou em combinação, afim de montar uma fabrica de sulfo-calcio, com adaptação para a calda bordaleza, adquirindo pulverizadores "Hayes", e levar avante o rodizio de expurgo e de desinfecção dos pomares, pelos proprios citricultores, previamente preparados por um agronomo do Ministerio, nas aulas praticas que lhes serão ministradas, nas sédes das cooperativas. Pretendo montar as installações necessarias para collocar a domicilio, em garrafas brancas, com sello inviolavel e em que seja marcado o dia do engarrafamento, o succo de laranja. Estou convencido de que farei com o succo de laranja o mesmo que se faz com o leite, com referencia á sua distri-

buição. Com essa providencia, estou certo que diminuirei de muito o excesso das nossas fructas de refugio. E crearei, de riqueza para os citricultores. E" a industria, senhores, a industria verdadeira, a exploração de uma industria, e não uma industria de exploração.

Não sabemos até quando soffreremos as consequencias da guerra. Ella pode terminar amanhã, mas pôde, tambem, durar varios annos. Precisamos apparellhar o Brasil através da organização dos seus productores, para que os seus effeitos desastrosos se reduzam. Si essa organização fôr cooperativista, melhor e mais rapidamente serão attingidos todos os objectivos. Com as cooperativas já em funcionamento e com as que tenciono fundar, é que, senhor presidente, pretendo erguer a organização do nosso parque citricola.

Parodiando um sabio, senhor presidente, que dizia, que com alguns frascos de remedios homeopathicos e o Rio Amazonas seria capaz de curar a humanidade, affirmo que, com as cooperativas e o apoio do governo, sou capaz de attender a todos os males economicos do Brasil. Desafio que me apresentem um caso, por mais transcendental que seja, que o cooperativismo não solucione.

E aqui fica a minha profissão de fé. Sou cooperativista sincero e entusiasta. Sou cooperativista porque estou convencido de que sómente por meio de sua implantação, pôde o Brasil realizar, sobre bases duradouras, a dupla e sacrosanta tarefa da sua emancipação economica, através da organização das suas riquezas, e da felicidade de seus filhos, pelo congraçamento gerador da força e pela fraternidade creadora da paz e da concordia".

Pecuária no Brasil

Os rebanhos do Brasil occupam lugar de grande relevo entre os principais rebanhos do mundo. Dados de fontes fidedignas, controlados pelo Centro de Estudos Economicos do Conselho Federal do Comercio Exterior fornecem os seguintes numeros para os principais rebanhos de bovinos e suínos, em 1937, por ordem de importancia.

Procedências	Bovinos
Indias Inglesas	165.540.000
Estados Unidos	67.968.000
U. R. S. S.	49.156.000
Brasil	40.864.000
Argentina	30.868.000
China	22.647.000

Procedências	Suínos
China	62.639.000
Estados Unidos	42.837.000
Brasil	24.774.000
U. R. S. S.	22.550.000
França	7.043.000
Polônia	6.723.000

Como se vê o Brasil occupa o 4.º lugar entre os produtores, de bovinos, colocado entre a U. R. S. S. e a Argentina, e o 3.º lugar entre os produtores de suínos, logo acima da U. R. S. S. e muito abaixo dos Estados Unidos.

Levando em consideração que o Brasil occupa o 14.º e o 9.º lugares, respectivamente como criador de ovinos e caprinos, temos os seguintes algarismos para os nossos rebanhos de corte, em 1937:

Bovinos	40.864.000
Suínos	24.774.000
Ovinos	13 050.000
Caprinos	5.671.000

Infelizmente, é ainda muito baixo o coe-ficiente de exploração dessa enorme riqueza.

A França, a Alemanha, a Grã Bretanha e a Polônia dispõem anualmente, para o corte, de .3 por cento dos seus bovinos, de 30 a 60 por cento dos ovinos e dequasil100porcento dos suínos. Ao invés disso, no Brasil, as matanças atingiram, apenas, a 12 por cento dos bovinos, 3 por cento dos ovinos e 11 por cento dos suínos.

De qualquer forma, porem, avulta cada vez mais a importancia da industria de carnes, cuja contribuição para a economia nacional cresce dia a dia, em volume e sobretudo em valor.

Enquanto o Brasil aumentou sua produção de carnes de 757.385 toneladas em 1930, para 1.191.337 toneladas em 1937 (dados referentes ao total dos animais abatidos nos matadouros municipais e estabelecimentos fiscalizados pelo Governo Federal), a Argentina, de 1.761.400 toneladas em 1930, passou apenas a 2.074.100, em 1937, e o Uruguai, de 307.900 toneladas em 1930, baixou a 243.400 toneladas em 1937. Tomando-se como base o ano de 1930, encontramos, em 1937, os numeros indices de 157 para o Brasil, 117 para a Argentina e 79 para o Uruguai, para a produção de carnes.

Estes algarismos dão idéia da extraordinária importancia que o problema assume na

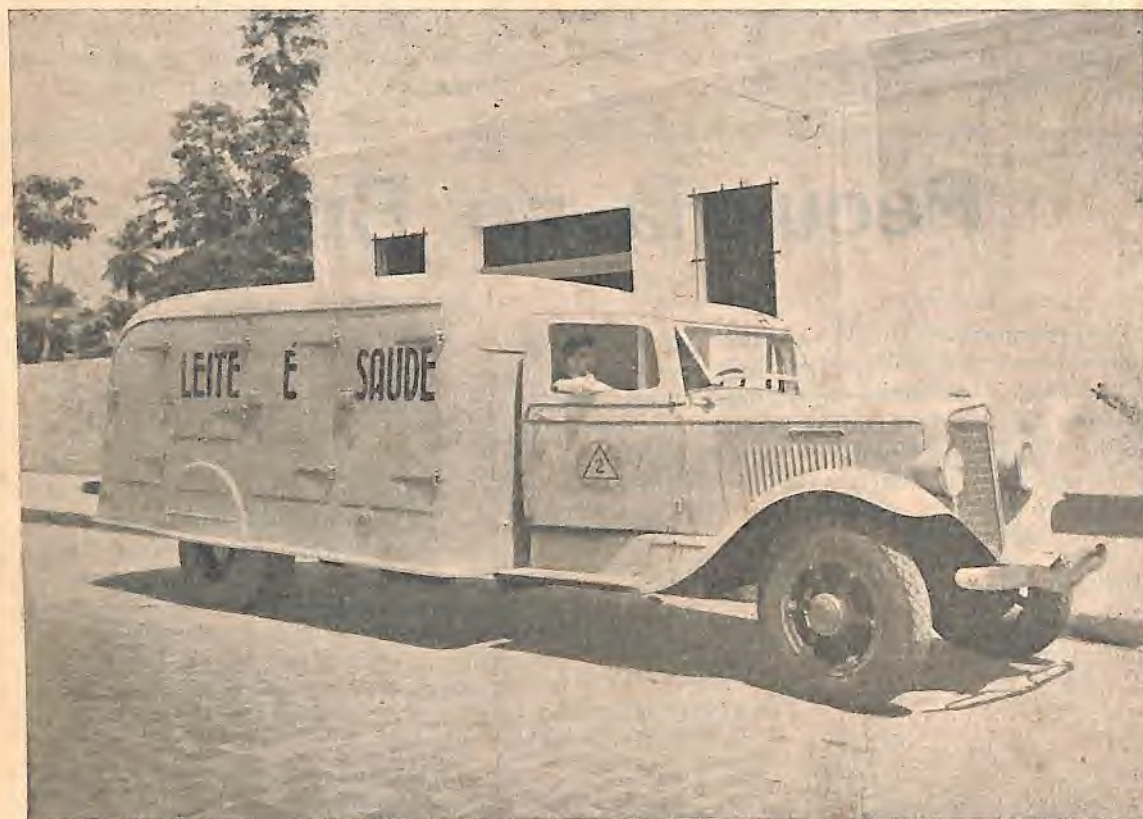
economia nacional e da necessidade, de medidas prontas e eficazes que assegurem o desenvolvimento e o máximo aproveitamento dessa considerável riqueza.

Infelizmente a exportação do Brasil não atingiu ainda um coeficiente justo, em face da importância numérica dos nosso rebanhos. Em 1938 a nossa exportação de carnes de boi e porco, congeladas, resfriadas e em conserva, elevou-se apenas a 66.800 toneladas, cifra insignificante em comparação com as 88.500 toneladas exportadas pelo Uruguai ou as ...

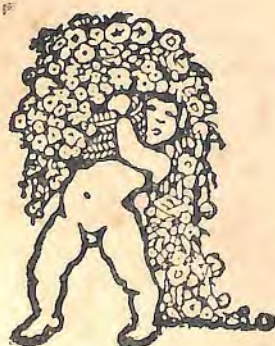
547.100 toneladas exportadas pela Argentina, cujo rebanho bovino é inferior ao nosso em 10 milhões e o suíno em 21 milhões de cabeças.

Incentivando a organização dos criadores e invernistas nacionais, ampliando as medidas de seleção, desenvolvendo o cultivo de boas pastagens, facilitando o crédito barato e transportes adequados, teremos contribuído para o engrandecimento da pecuária nacional e daríamos á enorme riqueza em potencial que representam as 84.559.000 cabeças de diversas espécies uma utilização económica.

Os Lactínicos em Pernambuco



Cooperativa de Lactínicos do Recife — Caminhão isotermico para o transporte de leite em frascos



CASA FLORA

SCHLICK & NOGUEIRA

Trabalhos modernos em flores para todos os fins

PLANTAS — fructíferas e ornamentaes

SEMENTES — importação directa

Ferramentas — Insecticidas — Ajardinamento

OUVIDOR, 61 E GONÇALVES DIAS, 67 — RIO DE JANEIRO

As semanais da Sociedade Nacional de Agricultura

As Riquezas Naturais do Norte — O Linho no Rio Grande do Sul — A Posição do Brasil no Mercado Internacional de Algodão — Abastecimento do Leite na Capital Federal

Como de costume, reuniram-se, em sessão conjuncta, a Direcção da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira, tendo sido os respectivos trabalhos presididos pelo Sr. Torres Filho.

O Sr. Arruda Camara, Secretario, procedeu á leitura do expediente, dentre cujos papeis mereceu especial destaque uma communicação do Sr. Humberto Rodrigues de Andrade, a respeito das riquezas naturais do Brasil.

Detendo-se particularmente na carnaúba declara-se S. S.:

"Podemos dizer que a cera da carnaúba, desde remotas éras, é o ouro da região semi-árida. A carnaubeira, de que se aproveita todas as partes — estipe, folhas, fructos pecciosos raizes, dá-nos, mesmo como industria extractiva absolutamente rotineira, producto cujo valor está collocado em segundo lugar na exportação cearense. Confor'me o Boletim Estatístico da Federação das Associações de Commercio e Industria do Ceará, a exportação de algodão pelo porto de Fortaleza, em 1938 orçou em 58.539:042\$000, valor commercial, e a da cera, em 42.036:000\$000. As sahidas pelos portos de Camocim e Aracati não alteram essa posição. Numa produção tos de reis, cabem ao Ceará mais de 50% geral, por anno, de 10 milhões de kilos de cera, no valo' approximado de 100 mil contos. Dos 22 paizes compradores de productos cearenses, 19 o são de cera, sendo esta materia prima a que está em primeiro logar a este respeito. Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e França são os maiores freguezes. Entretanto, o que temos feito em favor da carnaúba, para incrementar e melhorar a sua produção, assegurando-nos a detenção dessa riqueza? Nada ou quasi nada. Não possuímos carnaubae adultos, provenientes de culturas, nem tampouco aperfeiçamos os processos de preparo da cera. Limitamo-nos, ão sómente, a explorar as palmeiras nativas, de maneira empirica, frequentemente ultimos annos, alguns agricultores ensaiam prejudicial á vitalidade do vegetal. Nestes timidamente pequenas plantações ainda sem expressão economica, servindo, comtudo para demonstrar ser a bella palmacea de facil cultivo. Quanto aos meios de extrac-

ção da cera, usamse ainda os aprendidos pelo indigena analphabeto. A esse respeito merece menção especial o que está fazendo a Companhia Johnson, de Fortaleza. Os organizadores dessa empresa brasileira tomaram aos hombros a iniciativa de estudar a exploração racional da carnaubeira no nordeste. Fizeram custosas installações em sua propriedade rural no municipio de Maranguape, para seccagem da palma e extracção do pó cerifero".

Depois de outras considerações, termina o Sr. Humberto Andrade:

"Estudar e realizar serviços de amparo e defesa s nossas fontes de riqueza constituem meio efficaç de nos mantermos na posição de fornecedores de productos originariamente nossos. Mas, estudos que cheguem a conclusões serias, e obras de verdade".

O Sr. Torres Filho declara que a exposição feita pelo Sr. Humberto de Andrade versa materia de grande interesse para a nossa economia, porque trata justamente de productos que, no momento, são objecto de industria ext'activa em vastas zonas do territorio nacional. Exigem um grande trabalho de racionalização para que não fiquem sujeitas a fructuações, como tem acontecido. Por outro lado, tratase de productos de regiões tropicaes, requerendo de nossa parte cuidados especiaes por constituirem fontes de vida de enormes regiões, que vão desde o Nordeste até o Amazonas, e dentre os principaes, sobresaem, como se sabe, a castanha, o babassú, a carnaúba e outras plantas ceriferas, resinosas e oleiferas. Tãodos esses productos, que estão hoje incorporados á vida economica do Brasil, não constituem comtudo uma garantia segura de riqueza, porque sua exploração ainda se encontra numa phase empirica, exigindo um grande trabalho de systematização, tanto de factores de ordem economica como financeira. No momento actual, a nossa preocupação deverá ser justamente dar a essas explorações um cunho mais racional. São, portanto, de grande oportunidade as considerações do Sr. Humberto de Andrade, cuja interessante communicação será divulgada na integ'a pela "A LAVOURA".

Informa o Sr. Torres Filho que ainda tem sobre a mesa uma communicação, procedente do Rio Grande do Sul, relativamente á crise por que vem passando naquella Estado a cultura linho. Essa cultura é uma daquellas que podem ter no Brasil um grande desenvolvimento, principal-

mente nos Estados do Sul, constituindo para o Brasil uma grande fonte de riqueza, a exemplo do que se passa na Argentina e em outros paizes que se dedicam e amparam a sua cultura. O Governo — diz — não tem sido extranho ao desenvolvimento da cultura do linho e já possuímos um campo de sementes em São Paulo, o qual está prestando bons serviços. Entretanto, a nossa produção, que aliás tem sempre augmentado, está sujeita ainda a certas influencias do mercado de sementes, cuja importação se faz para attender ao funcionamento das fabricas de oleo desta Capital e de outros Estados e, ainda, de paizes americanos. A produção do Rio Grande do Sul, que alcança a 12.000 toneladas, não é sufficiente ao abastecimento do mercado riograndense e muito menos ao do Brasil.

O Estudo dessa exploração deve merecer todo o cuidado porque se trata de uma cultura muito favoravel ao paiz, devendo justamente o Governo impedir que por uma queda brusca do preço se possa arrefecer o animo dos productores. Este assumpto — conclue o Sr. Torres Filho — está sendo objecto de exame por parte do Conselho Federal de Commercio Exterior, tendo-lhe cabido relatar a materia.

Sem deixar a palavra, diz o Sr. Torres Filho que, antes de entrar na ordem do dia, desejava fazer uma referencia muito especial ás condições do Brasil no ponto de vista da exploração algodoeira. Todos sabemos que o algodão, no momento, constitue um dos factores decisivos da nossa vida agricola, contribuindo poderosamente tambem para a nossa balança commercial, bastando referir que essa libra deu á nossa exportação mais de 7 milhões de libras.

E' uma cultura que se acha integrada á vida brasileira desde o periodo colonial. A historia regista a sua exploração desde o anno de 1555, influindo, dahi para cá, fortemente, na nossa civilização, sendo tambem a materia prima que mais contribuiu para o desenvolvimento da industria manufactureira do paiz. Posteriormente, essa cultura soffreu oscillações, de maior ou menor expressão economica, de accordo com as condições, de maior ou menor expressão economica, de accordo com as condições do mercado internacional. Devo a proposito — continúa o Sr. Torres Filho — lembrar o que occorreu com a nossa cultura do algodão por occasião da guerra da secessão nos Estados Unidos: por essa occasião, houve um decrescimo sensivel nas safras daquelle paiz, dando lugar a que a America do Norte, utilizando de methodos mais aperfeiçoados, sobretu-

do nos processos agronomicos obtidos atravez das estações experimentaes, desenvolvesse a tal ponto allí a cultura algodoeira que esta passou a constituir para os americanos uma riqueza agricola de tão grande expressão como é o café para os brasileiros.

Por seu turno, o Brasil apresenta condições extremamente favoraveis á cultura do algodão: clima — o que vale dizer condições de meio — salarios dos trabalhadores rurais, rendimento de terras tambem mais favoraveis, dependendo entretanto a posição do Brasil no mercado internacional de se empregar na exploração algodoeira os mesmos processos technicos que eram adoptados na America do Norte.

Mas a evolução da sciencia agronomica e a sua applicação a uma determinada cultura não constítue por si só o exito de um empreendimento agricola: — faz-se mister que a technica intervenha fazendo comque, ao lado do rendimento agricola, exista tambem o conveniente beneficiamento e preparo do producto do ponto de vista do seu valor commercial, de maneira que, levada á industria essa materia prima, de revista de condições taes que facilitem a manufactura do producto industrial. Por isso, são indispensaveis a uniformidade da materia prima, a produção em massa e de outros requisitos que constituem garantia indispensavel para que a industria possa lançar mão da materia prima com a maior segurança possivel. E' este um dos pontos mais serios que tivemos de vencer e do qual nos descuidamos a ponto tal que a exploração algodoeira ficou relegada a um plano secundario. Esta situação não passou despercebida a alguns homens do paiz, economistas e patriotas e, nesta mesma Sociedade, o assumpto foi ventilado, debatido e aconselhadas as medidas mais consentaneas com o problema. Por parte de varios dos seus presidentes houve sempre a preocupação de reerguer a cultura algodoeira, de trazel-a para o plano que ella deveria occupar na vida economica brasileira. A este respeito, bastará que se faça uma referencia aos grandes esforços do Presidente Miguel Calmon, promovendo a 1.^a Conferencia Nacional Algodoeira, em 1916 e a 1.^a Conferencia nternacional do Algodão em 1922 e chamando para a tribuna da Sociedade, numa constante batalha em prol da melhoria dos processos de trabalho no campo e na preparação do producto industrial. Nessa campanha, foi seguido, dentre outros, pelo Presidente Lyra Castro e pelo Presidente Simões Lopes — todos Ministros da Agricultura — e cuja acção ad-

ministrativa constituiu justamente uma pratica daquillo que sempre aconselharam. Nesse rol de integros brasileiros deve ser incluído o nome de Pandiá Calogeras, que quando Ministro da Agricultura revelou nesse terreno uma acção energica e proficiente. E' de citar tambem a acção e o trabalho dos nossos technicos e da collaboração de alguns profissionaes estrangeiros que vieram para o Brasil justamente para organizar a cultura do algodão, ma das medidas mais salutaes para organizar a cultura do algodão. Uma das medidas mais salutaes adoptadas pelo nosos governo, desde então, foi aquella de se enviarem profissionaes a sahida das nossas escolas de agronomia ao estrangeiro, principalmente para os Estados Unidos, afim de se aperfeiçoarem nessa cultura. Essa providencia foi adoptada pelo Ministerio da Agricultura principalmente no tempo do Ministro Pereira Lima, seguida depois por outros titulares e infelizmente interrompida. Foi assim que pudemos enviar á America do Norte a outros paizes algumas turmas de rapazes sahidos das nossas Escolas Agronomicas e o exito obtido está hoje patenteado nas transformações operadas em nossos methodos agronomicos, sobretudo no que se refere ao algodão, cujo desenvolvimento é um padrão de gloria da nossa technica agricola. Isto comprova que somos capazes de assimilar tudo aquillo que os outros povos de civilização mais adeantada tenham posto em pratica. Em virtude da acção desses technicos, da collaboração de alguns estrangeiros e de circumstancias especiaes do mercado mundial é que assistimos, principalmente de 1933 para cá, o apparecimento do Brasil como um dos mais fortes concurrentes ao mercado mundial de algodão, passamos de 284.604 toneladas de produção para 448.704 toneladas em 1938, isto é, o Brasil passou a occupar o quarto lugar no mundo entre os paizes algodoeiros. E' de se salientar, neste ramo da actividade agricola, o concurso de São Paulo, cujo progresso nesse sector coincidiu com as quedas do preço do café. A medida que se accentua a crise deste producto, augmenta de uma maneira notavel a produção e, o que é mais para admirar — melhoram na mesma proporção os methodos culturaes e de preparo. No momento, o algodão, é representado na nossa balança commercial por 813.627 toneladas, no valor de 1.545.564:000\$000 (1938), tudo fazendo acreditar que este anno essa produção ainda seja maior porque, com a crise americana, em que vemos a produção dos Estados Unidos ser dominada no mercado internacional, isto é, em que vemos a que-

da da exportação daquelle paiz de 7 milhões para pouco mais de quatro milhões de fardos, ha a coincidência com o augmento sempre crescente da exportação brasileira. Esse facto, certamente, estimulará uma produção ainda maior do que este nno e todas as previsões autorizam a consideral-a nesse ascendente.

Não se diga que é um ou dois mercados, apenas, que solicitam e aceitam o algodão brasileiro. Elle está tendo a mais franca acceitação muito principalmente o paulista, em todos os mercados mundiaes, com uma preferencia accentuada por parte do Japão, bastando-se dizer que, de uma exportação em 1934 para aquelle paiz, de 1.696 toneladas, passamos, em 1938, a 60.159 e este anno a exportação será ainda maior. O mesmo se dá com o mercado allemão, no qual a exportação passou de 21.442 para 82.803 toneladas. O algodão paulista é um algodão que, pela sua fibra, 28 30 mm., que constitue um tamanho ideal para quasi todas as industrias. Em relação ao algodão do norte, de fibra mais longa, é tambem muito preferido, mas tem contra si, até certo ponto, a falta de um beneficiamento mais cuidado. Como está sendo produzido, actualmente, não offerece as necessarias garantias á industria e tudo indica que, não só na parte cultural, como no do beneficiamento, se lhe dê uma assistencia mais efficiente, pois, como vimos em São Paulo, um controle bem feito, desde á semente á embalagem, pode operar milagres. Ha, aliás, um grande mbovimento naquella região com esse objectivo e é de se acreditar que, com o concurso dos technicos — que já se faz sentir — o algodão de fibra longa do norte passe a constituir um elemento de forte equilibrio no compute geral da exportação brasileira.

Nesta ligeira exposição — continua o Sr. orres Filho — e na qual fiz ressaltar a importancia economica do algodão no scenario da vida brasileira, quero deixar bem patente a acção desenvolvida pela Sociedade Nacional de Agricultura em mais de 20 annos em favor da cultura do algodão e, tambem, o interesse que a Sociedade tem em que esse desenvolvimento — fructo d tanto trabalho e de ttanto dispendio — não venha a soffrer qualquer embargo e, muito pelo contrario, possa o Brasil encontrar na sua produção algodoeira, como é lícito se espere, um dos elementos decisivos do seu engrandecimento economico e financeiro. Como me cabe, no momento, dirigir a Sociedade Nacional de Agricultura, desejo fazer este registo, lembrando a sua acção incansavel para o objectivo algodoeiro, afinal em grande parte at-

tingido. Nesse registro e nesse voto — continua o Sr. Torres Filho — estou certo de que a Sociedade interpreta o pensamento da classe rural do paiz, votos e sentimentos esses que são os mais legítimos, porque partem justamente daquelles que trabalharam e ainda trabalham, empregando a sua vida em um mister que deve constituir para a Patria o mais digno labor, o mais decisivo concurso para o seu engrandecimento.

O Sr. Torres Filho dá a seguir, a palavra ao Sr. Otto Frensel, que faz uma interessante comunicação a respeito do actual abastecimento de leite do Rio de Janeiro. Como seria impossivel resumir esse trabalho, a sua divulgação será feita separadamente.

Communica ainda o Sr. Presidente, attendendo a uma solicitação do Secretario da Agricultura do Estado do Rio, que a Sociedade attenderá ao pedido feito para que envie tres alumnos da Escola de Horticultura Wenceslau Bello para demonstrações praticas de enxertia e multiplicação vegetal na Semana Ruralista a se realizar, brevemente, em taperuna, sob os auspícios do Governo daquelle Estado.

O Sr. Ribeiro Junqueira, em nome da Sociedade Rural de Leopoldina, convida o Presidente e demais Directores da Sociedade para participarem do acto inaugural da Exposição de Animaes que se realizou naquella importante cidade Mineira. Communica, a proposito, que é a terceira que foi já organizada e que, nesta, se realizará talvez o maior concurso de vaccas leiteiras já operado no Brasil.

O Sr. Torres Filho agradece e promete comparecer. Desde logo, porém, como uma demonstração dos applausos da Sociedade ao commettimento, institue um premio para ser disputado entre os animaes concorrentes a esse concurso. Trata-se de um artistico bronze, com uma plaqueta de ouro com a seguinte inscripção: — "A' melhor productora de leite da Exposição Pecuaria de Leopoldina. Premio Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Dr. Edmundo Berchen offerece á Sociedade tres magnificos exemplares de uma variedade de milho, cultivada ha cerca de sessenta annos em Pelotas, a qual desperta grande interesse, não só pela belleza e tamanho das espigas, como pela uniformidade do grão. Essas espigas — de que as variedades branca e vermella — têm sempre mais de 1.100 grãos cada uma e o Sr. Torres Filho pede licença para as offerecer ao Sr. Ministro da Agricultura, como uma variedade digna de ser diffundida ou pelo menos estudada,

justamente no momento em que se procura desenvolver a cultura desse cereal no Brasil.

Encerram-se os trabalhos.

Sessão de 3-VIII-39

O Abastecimento da Capital — O Credito Agricola — Os Lactícinios em Pernambuco — Irrigação no Nordeste — Concurso de Vaccas Leiteiras

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, e com a presença de numerosos directores e associados, realizou-se, como de costume, a reunião semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira.

Do expediente constou, dentre outros papéis, uma reclamação da União Agricola Fluminense, com respeito ao sacrificio de animaes tuberculosos de associados pertencentes áquella associação.

O Sr. Presidente faz uma referencia ao trabalho do Sr. Luiz Gonçalves Vieira a respeito da "A Febre Aftosa e sua transmissão á especie humana através do leite" — trabalho que — diz — é mais um serviço prestado por esse tecnico á industria de lactícinios do paiz.

A respeito da reclamação citada, da União Agricola Fluminense, o Sr. Luiz Vieira, diz que essa questão já foi suscitada no Districto Federal, ao tempo do Sr. Azurem Furtado. Houve, então, uma grande celeuma a respeito do sacrificio dos animaes considerados tuberculosos. Em qualquer parte, — diz o Sr. Luiz Vieira — desde que fique provado que o animal está tuberculoso, deve ser elle sacrificado, havendo uma indemnização para o seu proprietario. Detem-se S. S. a respeito do modo de calcular essa indemnização, da qual o governo deveria participar, como interessado que é na salvaguarda da saúde do povo. Então, o que se via era o sacrificio dos animaes, com a cremação da carcassa mas o couro ficava na Prefeitura e o proprietario nada recebia, o que não lhe parece justo. Terminou suggerindo, com approvação geral, que a Sociedade se dirija a respeito á Directoria de Defesa Sanitaria Animal e á Directoria do Fomento da Produção Animal, bem como ao proprio Departamento da Produção Animal, a respeito do assumpto e pedindo o seu pronunciamento afim de que fique definitivamente esse caso assentado.

O Sr. Torres Filho, antes de entrar na ordem do dia, pede a attenção da casa para a entrevista dada aos jornaes pelo Sr. Director do Fomento da Produção Vegetal do Ministerio da Agricultura a propósito do serviço

da venda, por intermedio de caminhões, de legumes e fructas. E' natural que a Sociedade Nacional de Agricultura se manifeste a respeito — diz o Sr. Torres Filho — e tome conhecimento desse facto, porque do seu seio é que têm partido os reclamos contra a falta de remuneração aos productores agricolas que trazem o resultado do seu trabalho aos mercados da Capital Federal. Vemos constantemente a população clamar contra a elevação dos preços desses productos, e isso tem obrigado o Governo a adoptar medidas de emergencia, como sejam as relativas ao tabellamento e outras, de modo a que as vendas se façam tendo em consideração os não menos justos reclamos da população contra o exagero desses preços. Mas essas medidas, pelo seu caracter de emergencia, não tem sido satisfactorias nem para o productor nem para o consumidor e, dahi, ter pensado o Governo encontrar a solução no afastamento, tanto quanto possível, do intermediario, que é quasi sempre quem tem a parte do leão. Alem disso, seria necessario dar ao productor facilidades de transporte, credito, mercados apropriados, para que o problema se resolva sem o estrangulamento da produção. O actual Ministro da Agricultura, Sr. Fernando Costa, tem, justamente, orientado a solução do problema por esse lado, sem querer seguir a mesma trilha que vinha sendo seguida de se fazer tabellamentos arbitrarios que, afinal, resultavam no prejuizo da propria produção, de vez que os intermediarios della se livravam facilmente. E' assim que S. Ex. pensou primeiramente em estabelecer entrepostos, para que os productores pudessem mandar-lhes os seus productos directamente, resolvendo, assim, o problema da distribuição, que é o mais serio. Emquanto esses entrepostos não se installam, resolveu S. Ex. ,a titulo experimental, e como providencias de emergencia, facilitar essa distribuição por intermedio de caminhões, a principio do proprio Ministerio, depois, dos particulares, mediante as facilidades que são conhecidas. Esta medida, aliás, já tem sido adoptada com exito em outros paizes. Não é, portanto, uma novidade. As feiras livres, a principio, tinham esse objectivo. Nos caminhões, esses productos, além da fiscalização, estão sujeitos a uma tabella, afim de se evitarem os abusos. Iniciando este serviço na Capital, despertou um grande interesse por parte da população, augmentando consideravelmente o consumo dos productos hortícolas. A população como que tinha "fome" desses artigos. Os caminhões chegaram a 149 e as vendas alcançaram mais de 1.000 contos semanaes. Esses caminhões distribuidores tinham por fim receber os productos dos lavradores mas appareceram ultimamente algumas noticias na imprensa segundo as quaes elles se iam abastecer no mercado municipal.

O Sr. Kurt Rpsold informa que, nesse caso, havia o interesse de certos intermediarios em desmoralizar a acção governamental. Alguns caminhões foram apprehendidos, nos quaes appareciam até os vendedores phantasiados, ridicularizando a iniciativa official.

O Sr. Torres Filho continua dizendo que a situação do abastecimento da Capital é esta: se o agricultor produz não pode vender e, como não se vende compensadoramente, não se produz. Um verdadeiro circulo vicioso. E' que estavamos sujeitos exclusivamente á acção dos intermediarios, que, ás vezes, para não baratear o preço de venda, preferiam até por fóra o genero que não encontrasse sahida pelos preços estabelecidos. A acção do Ministerio, como se vê, é preparatoria. Teremos de sahir della para uma outra, definitiva, em que teremos de estabelecer entrepostos centraes de todos os generos. A distribuição dos productos tem de ser feita mediante normas racionais. Este aspecto da produção, até aqui, esteve abandonado, porque se tratava de estimular a produção sem garantir-lhe a venda. Por essas razões, não pode a Sociedade deixar de apoiar as medidas que foram postas em pratica pelo actual titular da pasta da Produção.

Refere-se ainda o Sr. Torres Filho á entrevista concedida pelo Sr. Edgard Teixeira Leite a respeito do problema do credito agricola em face das ultimas medidas adoptadas pelo Governo. Ella elucidou de modo completo a situação actual da Carteira de Credito Agricola do Banco do Brasil e teve a mais larga repercussão na Capital do paiz. Propoz o Sr. Torres Filho a inserção, na acta dos trabalhos da entrevista em apreço, por se tratar de uma materia que é de interesse vital para o paiz.

O Sr. Teixeira Leite agradece as referencias e faz, a respeito diversas considerações.

O Sr. Presidente chama a attenção da casa, ainda para a nova lei da syndicalização, que incluye a classe agricola, e que permittirá se imprima, daqui por diante, uma orientação definitiva á organização do Conselho de Economia Nacional, que se comporia dos varios ramos da produção, exigindo, portanto, primeiramente, a organização das diversas corporações. Ora — continua o Sr. Torres Filho — estou propenso a acreditar que as associações ruraes poderão ter, nessa obra de organização, um papel muito importante, conseguindo arrancar a classe da situação um tanto apathica em que tem vivido, e leval-a a collaborar mais decisivamente nos destinos do paiz.

Tem a seguir a palavra o Sr. Renato de Farias, Director do Departamento de Produção Animal do Estado de Pernambuco, que uma brilhante exposição a respeito da si-

tução da industria de lacticínios no Estado. De início, declarou o Sr. Renato de Farias que, a despeito de não ter tido tempo de organizar uma conferencia, ou mesmo uma palestra, accitaria qualquer pedido de informações durante a sua exposição, por parte de qualquer dos presentes.

Utilizar-se para a sua palestra, um trabalho que organizou recentemente, e que remetteu para o exterior.

Durante trinta minutos o Sr. Renato de Farias manteve interessando o auditorio nas revelações, verdadeiramente surprehendentes, do que vem sendo realizado em Pernambuco nos dominios da produção e commercio do leite. A sua palestra, pelo interesse de que se reveste, será divulgada opportunamente.

A Sociedade, em face desses resultados, resolveu telegraphar ao Sr. Secretario da Agricultura de Pernambuco, Dr. Appolonio de Salles, enviando congratulações.

O Sr. Arruda Camara diz que a questão da agua para as explorações hortícolas, largamente ventilada pela lavoura do Districto Federal em suggestões que teve opportunidade de apresentar a S. Ex. o Sr. Prefeito Henrique Dodsworth — está agora em ordem do dia. Elevado numero de pequenos lavradores, na antiga Fazenda da Bica, está intimado, sob pena de multa de 50\$000 a 500\$000, dobrado em reincidencia, com perda das actuaes installações, a executar no prazo de 15 dias o fechamento e montagem de bombas dos poços destinados ás regas. A exigencia embora razoavel, merece exame. O aterramento dos povos colloca, em muitos casos, o pequeno lavrador na contingencia de abandonar a exploração das hortas. A satisfação das exigencias, em curto prazo, porém, na quasi totalidade dos casos, inviavel pela falta de recursos, de disponibilidades, do pequeno lavrador que, de resto, não poderá recorrer ao credito para o custeio das installações. Urge, pois, uma medida conciliatoria que, sem prejuizo dos interesses supremos da saude publica, facilite á pequena lavoura o uso de agua com os requisitos indispensaveis aos fins domesticos e agrícolas.

Tendo examinado varias vezes, nestes ultimos annos, o assumpto, estudando-o, mesmo, em alguns dos seus aspectos, parece-me:

a) que seria providencia de alcance facilitar-se, mediante auxilio, a construcção de reservatorios á prova de mosquitos, mas devidamente arejados;

b) que, além dos poços, fosse, tambem, objecto de auxilio, a construcção de estrumeiras aseticas;

c) que, no sentido indicado, fosse feita intensa campanha educativa de hygiene rural e dispensada, nas installações, assistencia technica aos lavradores;

d) como medida de alcance immediato, seria razoavel um appelo ao Ministerio da Educação no sentido de resolver, equitativamente, os casos em lide.

O Sr. Otto Frensel, director technico da Sociedade, que participou da commissão de controle de leite da ultima exposição de animaes, pede a inserção em acta do resultado do concurso de vacas leiteiras da ultima Exposição Nacional, o que é o seguinte:

CONCURSO DE VACCAS LEITEIRAS

Resultado Final

Quantidade de Leite

- 1.^o lugar — Paulina — 92 Ks. — 340.
- 2.^o lugar — Ilka — 72 Ks. — 080.
- 3.^o lugar — Policia — 55 Ks. — 860.

Quantidade de Gordura

- 1.^o lugar — Itauna — 2.416 grs. — 42.
- 2.^o lugar — Paulina — 2.296 grs. — 82.
- 3.^o lugar — Ilka — 2.113 grs. — 54.

Representação de Materia Gorda

- 1.^o lugar — Camarada — 5,69 %.
- 2.^o lugar — Itauna — 5,08 %.
- 3.^o lugar — Dora — 4,67 %.

Foi proposto e acceito para socio o engenheiro civil Dr. Paulino de Alencar Ara-ripe.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

Sessão 28-9-39

A Collocação das Laranjas Fluminenses em Face da Guerra Européa — O "Nescafé" — O Preço do Leite — O Abastecimento da Capital em Fructas e Hortaliças

Na reunião semanal da Sociedade Nacional de Agricultura, realizada na ultima Quinta-feira de Setembro sob a presidencia do Sr. Edgard Teixeira Leite, ainda foi debatida a situação de anciosa expectativa em que se acham os citricultores fluminenses em face da difficuldade de escoamento de suas safras para a Europa, creada com a guerra. O Sr. Ismael Cordovil, falando em nome da quasi totalidade dos productores organizados em cooperativas, aborda demoradamente a questão, indagando si a Sociedade poderia intervir no sentido de ser tornada sem effei-

to a recente majoração de fretes, que vem dificultar ainda mais a collocação da nossa laranja. Informou o orador que é preciso conquistar sem mais demora o mercado interno, pois teremos mais de dois milhões de caixas só de laranjas fóra do typo de exportação, além das que, exportáveis, talvez não o sejam devido ás difficuldades de transporte para a Europa.

Esclarece o Sr. Cordovil que a majoração de fretes, agora, é inopportuna e contraproducente, devendo-se pleitear junto ao Ministerio da Viação a applicação das tarifas em vigor a 30 de Agosto ultimo.

A organização do mercado interno impedirá que os citricultores continuem jogando fóra suas laranjas, como aconteceu no dia 26 de Setembro corrente, em que 1.800 caixas foram inutilizadas por falta de collocação.

O Sr. Arruda Camara intervem para dizer da acção que o Serviço de Economia Rural, tem desenvolvido nestes primeiros dias da guerra em favor dos nossos productores.

O Ministro Fernando Costa, informa o Secretario da Sociedade, está vigilante e promovendo todas as medidas ao seu alcance para que os productores brasileiros não tenham os seus interesses prejudicados em consequencia da guerra.

Accrescenta o Sr. Arruda Camara que numerosas prefeituras e associações commerciaes do norte do paiz vem prestando informações assás favoráveis sobre a collocação alli, das laranjas fluminenses, aparteando, então o Sr. Luiz Vieira para referir que por delegação do presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, estudará pessoal e recentemente as possibilidade do norte para o consumo da laranja fluminense.

Nos Estados que percorreu, as laranjas são caras e difficeis; falta transporte adequado e, o que é importante, o habito de consumir laranjas.

O Sr. Otto Frensel pensa que as primeiras remessas de laranjas deveriam ser feitas a titulo mais de propaganda, para augmentar no norte o habito da laranja.

O Sr. Arruda Camara conclue as suas informações, estranhando que os exportadores de laranjas se alheiem dos esforços que o Serviço de Economia Rural desenvolve em proveito da collocação das laranjas fluminenses nos Estados do Norte e que o transporte para esses Estados se poderá talvez, fazer no tombadilho, sem necessidade de frigorificação, o que simplifica sobremodo o problema.

O Sr. Presidente concatena os pontos essenciaes do debate e delibera que a Sociedade telegraphará ao Ministro da Viação e ao Director da Central do Brasil, pedindo-lhes o

restabelecimento dos fretes vigorantes antes da guerra e que se communicará, tambem, com as companhias de navegação, afim de que ellas digam o que podem fazer em favor da laranja fluminense.

O Sr. Otto Frensel, com a palavra, offerece aos presentes um interessante memorial sobre o "Nescafé", um novo producto que a Companhia Nestlé projecta fabricar no Brasil, aproveitando o nosso café.

A seguir, lê o seguinte telegramma dirigido pelo Syndicato dos Exportadores de Leite para o Districto Federal ao Sr. Ministro da Agricultura: "Diante da situação creada com a guerra, na qual elementos pouco escrupulosos vêm procurando se locupletar com prejuizo da collectividade, este Syndicato tem o prazer de vir se collocar á disposição de V. Ex. para collaborar na manutenção dos preços de leite nesta Capital, assim como para quaesquer outras medidas relacionadas ao commercio de tão necessario alimento. Valem-nos da oportunidade para apresentar os protestos de nossa maior admiração".

Ainda o Sr. Otto Frensel lê a carta com que o Sr. Luiz Vieira offereceu ao Sr. Presidente da Republica diversas amostras de productos derivados do leite, premiados na VIII Exposição Nacional de Animaes e Productos Derivados, assim fazendo em nome dos respectivos fabricantes.

Agradecendo essa offerta, o Sr. Getulio Vargas mandou dizer aos citados fabricantes que as amostras demonstram o alto grau de aperfeiçoamento attingido pela industria de lacticínios no Brasil.

O Sr. Presidente convida aos presentes, com muito interesse, para assistirem á annunciada conferencia do Prof. A. Carneiro Leão sobre: "A Sociedade Rural", a realizar-se no salão da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Adriano Dantas, Presidente da Sociedade União dos Agricultores, desta Capital, pede o patrocínio da Sociedade Nacional de Agricultura, para que a Prefeitura ceda aos lavradores cariocas o Pavilhão Mourisco, para nelle ser installado um mercado de fructas e hortaliças.

Esse pedido dá margem a interessante debate em torno do problema de abastecimento da Capital, salientando Sr. Arruda Camara que se deve contar com a boa vontade do Sr. Henrique Dods-worth, pois S. Ex., ao assumir o governo municipal disse que queria organizar em definitivo aquele abastecimento e offerecera mesmo o Pavilhão Mourisco para um mercado de hortaliças, quando visitou a Escola de Horticultura "Wenceslau Bello".

Continuando, o Sr. Arruda Camara lembra que o Ministerio da Agricultura creára o

Entrepósito de Fructas e Hortaliças e que, emquanto este não é construído, o Sr. Fernando Costa tem facilitado, por todos os meios, como é bem sabido, a collocação dos productos dos nossos pequenos agricultores.

Além do Entrepósito, a Prefeitura por si deveria estabelecer uma rede de pequenos mercados, necessidade reclamada ha mais de 20 annos pela Sociedade.

O Sr. Presidente affirma que a Sociedade estudará immediata e carinhosamente o pedido da Sociedade União dos Agricultores e que tudo fará para que a sua pretensão seja attendida pelo Prefeito Henrique Dodsworth.

O Sr. Luiz Vieira pede á Sociedade, em nome de diversos lavradores residentes na Estrada da Agua Branca, entre Realengo e Bangú, que ella e intervenha junto á chefia de Policia, no sentido de cessarem, alli, os roubos de laranjas e as depredações dos pomares, resolvendo o Sr. Presidente attendel-o.

Sessão de 5-10-39

A Fava "Tonka" — Ainda a Guerra Europeia — A Commissão de Abastecimento — Importação de Material para a Industria de Lacticinios — Syndicalização Rural — O Café — O Timbó — A Laranja Fluminense — Melhoria do "habitat" Rural

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho e com grande concorrência, realizou-se mais uma sessão semanal da Sociedade Nacional de Agricultura.

Abertos os trabalhos, o Sr. Arruda Camara, 1.^o Secretario, procede á leitura do volumoso expediente, destacando-se um officio da Associação Brasileira de Cimento Portland em que chama a attenção da casa para o boletim de informações n. 28, que trata da construcção e installação das Fossas Septicas de typo simples, em que o Sr. Presidente depois de fazer considerações sobre a materia diz que vae mandar proceder a estudo e que do resultado publicará na revista da Sociedade para conhecimento dos interessados.

Foi lido, tambem, uma carta do Sr. Lauro Sodré, em que accusa o recebimento da revista "A LAVOURA", cuja leitura — diz — é sempre util e interessante e lhe faz lembrar saudoso os bons dias de convivio, quando assiduamente comparecia ás sessões da Sociedade.

A seguir, o Sr. Presidente manda ler um trabalho do Sr. Stewart E. Mc. Millin, consul americano em Caracas, sobre a fava "tonka" ou "sarrapia", como é conhecida na Venezuela, planta de grande valor economico

e que é encontrada nos Estados da Amazonia (cumaru) e Ilha da Trindade. Na Venezuela, não existem actualmente cultivadores de sarrapia. Os fazendeiros possuem arvores em pequena escala, principalmente, á sombra das plantações de cacáu.

Dado o interesse despertado pelo trabalho sobre a fava "Tonka", o Sr. Presidente resolve promover a sua publicação na integra.

O Sr. Presidente analisa novamente a situação do Brasil em face da guerra europea. Diz S. Ex. que devido ao desenvolvimento economico do Brasil elle poderá fazer face a situação pois que a não ser o trigo, o ferro, o aço, a cellulose e combustivel, nada precisará importar.

Falando da nossa exportação, o Sr. Torres Filho refere-se ao mercado allemão, que perdemos, e que virá influir consideravelmente na nossa exportação de algodão.

Fala depois sobre o convenio com a Argentina, que não julga conveniente no momento.

Sobre o café, S. Ex. refere-se á diminuição do nosso "stock" na Europa e suggere a suspensão da queima ou, mesmo, da prohibição do plantio pois receia que venhamos a ter falta do producto.

Pede a palavra o Sr. Ribeiro Junqueira que, após tecer considerações sobre a situação agro-pecuaria da Zona da Matta, no Estado de Minas, notadamente no municipio de Leopoldina, diz da intranquillidade dos productores em face do tabellamento que só deveria ser feito sem prejuizo do equilibrio economico, sempre dependente da producção. S. S. tem procurado tranquillizal-os. Isto, porque o r. Fernando Costa, cujo pensamento a respeito, é conhecido, collocou á frente da Commissão de Abastecimento o Sr. Arthur Torres Filho, nome que inspira confiança á lavoura brasileira.

O Sr. Presidente esclarece que não pôde acceptar a sua designação para a Commissão de Abastecimento, onde, porém, lóra substituido por um tecnico de valor e conhecedor das condições de vida dos nossos productores, o Sr. Carlos de Souza Duarte; a Sociedade, contudo, está prompta a servir de intermediaria entre a lavoura e a Commissão.

O Sr. Arthur Torres Filho vale-se do ensejo para transmittir á casa interessantes dados colhidos pelo Sr. Otto Frensel sobre o material que importamos para a industria de lacticinios; destaca-se dessa valiosa communicação que o material de vidro para laboratorio não poderá vir dos Estados Unidos, onde ele obedece a systemas inteiramente differentes dos usados no Brasi; a sua introdução obrigaria a compra de novos aboratorios. Na

mesma ordem de considerações, o Sr. Presidente apresenta informações sobre o mercado de café em Santos, na última semana de Setembro, quando os negócios foram auspiciosos quanto ao volume das transações. Durante o mês, entraram naquele porto, até o dia 28, 829.208 sacas, sommando os embarques 1.071.916 sacas e havendo ainda um "stock" de 2.233.543.

Constituído, ainda, objecto de exame, a syndicalização das associações das agricultores e pastores e organização profissional das actividades rurais, tendo o Sr. Presidente esclarecido que na forma da exposição do Sr. Ministro Fernando Costa, aprovada pelo Exmo. Sr. Presidente da República, está o Ministério da Agricultura recebendo sugestões interessadas, que serão representadas na comissão a ser proximoamente designada, para a elaboração do respectivo ante-projecto de decreto-lei.

O assumpto, accrescenta, vem sendo cuidadosamente examinado e tem despertado, no seio das associações rurais de todo o país, o mais vivo e justificado interesse.

O Sr. Frederico Murtinho Braga diz que o Ministro Fernando Costa acaba de aprovar as medidas suggeridas pelo Serviço de Economia Rural e pela Divisão de Defesa Sanitaria Vegetal em defesa da industria do "timbó", visando o mercado interno e o incremento, sob bases technicas da cultura dasse vegetal.

A exportação de "timbó", em 1939, já foi a 7.000 contos de réis.

A providencias adoptadas pelo Ministro da Agricultura são as seguintes:

1 — recommendação e emprego do timbó e preparados á base de rotenona nos estabelecimentos agricolas officiaes, nos campos de cooperação e nas demonstrações de combate ás pragas;

2 — aquisição do timbó e de productos que o contemham, para venda aos agricultores inscriptos no Ministerio da Agricultura, pelo preço do custo, na forma legal em vigor;

3 — assistencia technica do Ministerio da Agricultura quanto á applicação biologica do producto;

4 — ampla divulgação, pelo governo e industriaes, dos resultados obtidos com o emprego do timbó como insecticida;

5 — estudo immediato das especificações do timbó e seus productos, visando a sua padronização. Esta medida destina-se a melhorar a qualidade do producto exportado de modo a ser mantida, no exterior, uma boa posição economica a essas mercadorias;

6 — sejam feitos estudos sobre o timbo, a partir de seus centros de producção até aos

consumidores, com o fim de pesquisar, affastar os attenuar os impecilhos que a producção encontra no desenvolvimento de suas fases economicas".

Pede a palavra o Sr. Ribeiro Junqueira que, após tecer considerações sobre a situação agro-pecuaria da zona da Mata mineira, notadamente do municipio de Leopoldina, diz da intranquillidade dos productores em face do tabelamento que só deveria ser feito sem prejuizo do equilibrio economico sempre dependente da producção. Tem S. S. procurado tranquillizar-os. Isto porque o Sr. Fernando Costa, cujo pensamento a respeito é conhecido, collocou á frente da Comissão de Abastecimento o Sr. Arthur Torres Filho, nome que inspira confiança á lavoura brasileira.

O Sr. Ismael Cordovil, com a palavra, retoma o debate que vem mantendo na Sociedade em relação á laranja fluminense em face da guerra europeia, apresentando novos esclarecimentos.

O orador baseia a sua argumentação nas cotações do mercado de 4 de Outubro, para demonstrar que o productor arca com um prejuizo de 3\$779 por caixa de laranjas que envia para Liverpool, fóra o custo da laranja, que é de cerca de 5\$000 a caixa.

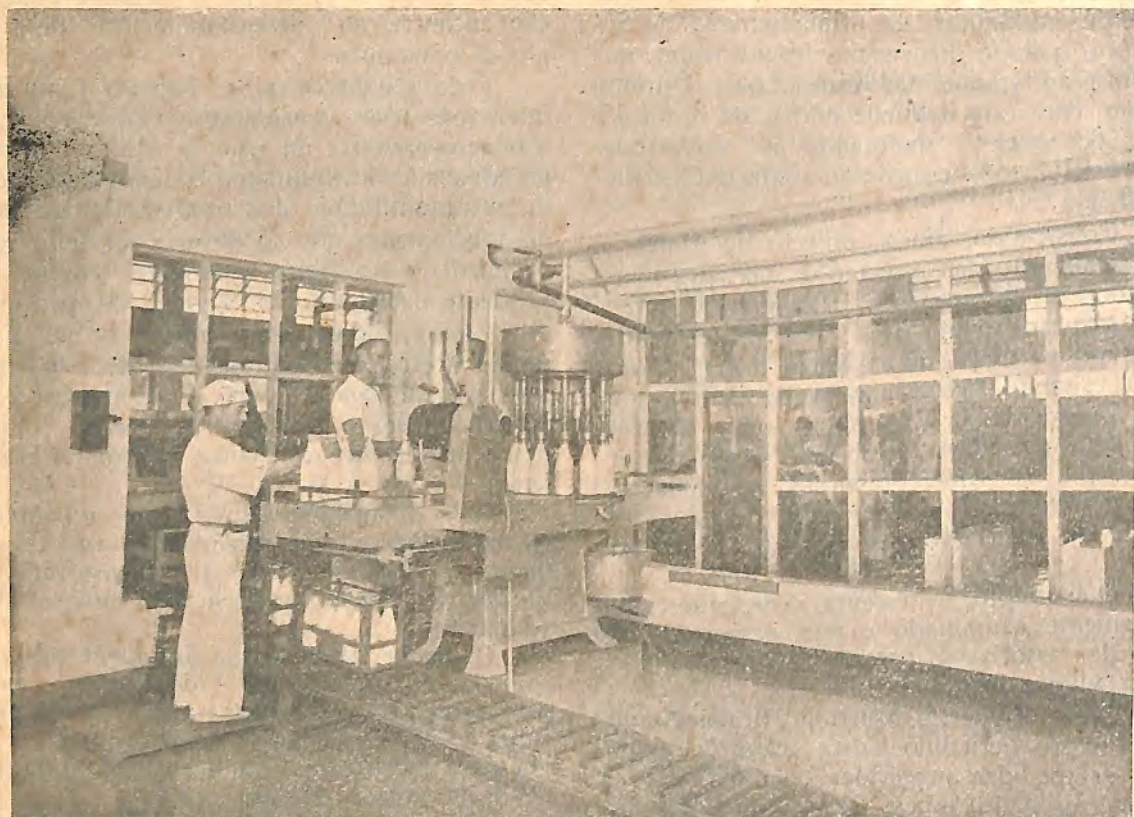
O orador v na organização cooperativista dos citricultores fluminenses a solução melhor e mais rapida para os problemas que hoje os angustiam e noticia as providencias que está articulando, no sentido de, no Estado do Rio, fazerem frente ás consequencias da guerra europeia, conquistando os mercados internos, racionalizando a producção, vendendo o succo de laranja em condições hygienicas e ainda lucrativas para productor e consumidor.

O Sr. Arruda Camara diz do interesse que está despertando nos meios technicos a iniciativa do Ministerio da Agricultura cogitar da melhoria do "habitat" rural e extendendo-se em considerações lembra que uma vez reunida a documentação indispensavel poderia o Ministro Fernando Costa promover, nesta Capital, expressiva exposição, de fins educativos, visando aquella finalidade.

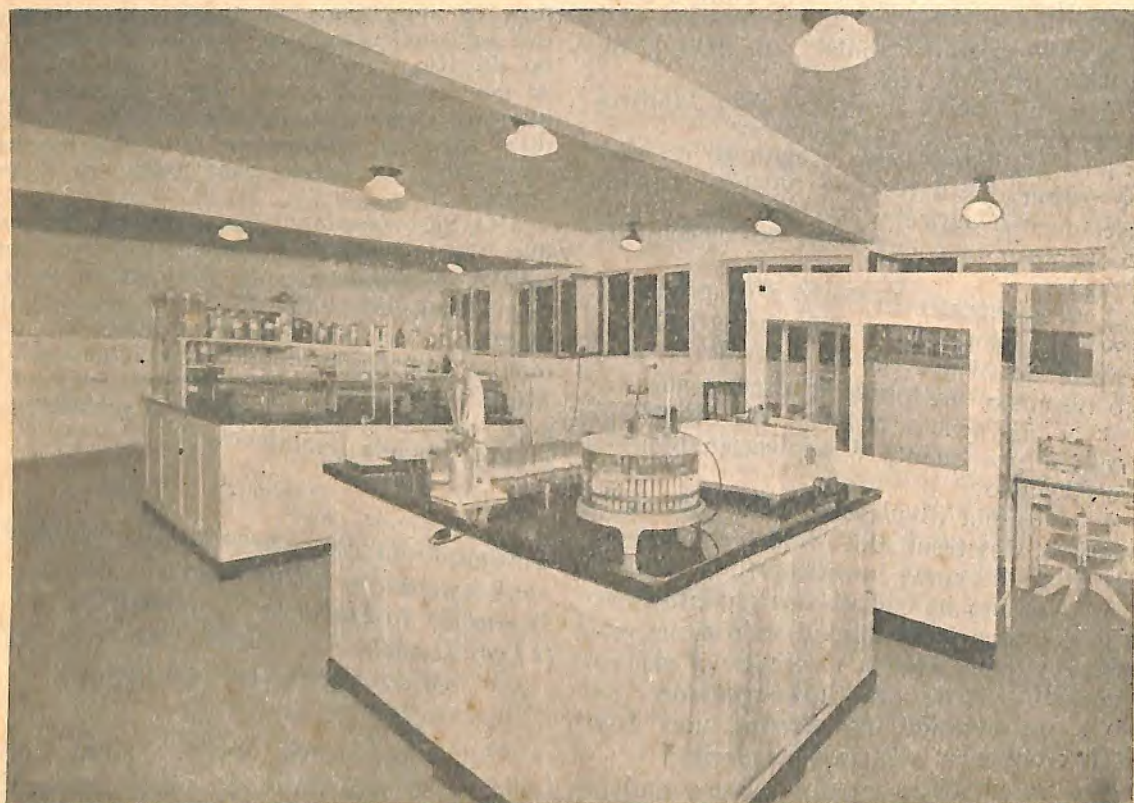
A Situação da Agricultura na Zona da Mata — A Exportação Citricola de São Paulo — A Producção do Linho no Rio Grande do Sul — O Leite Desnatado na Panificação — A Cultura do Algodão em São Paulo

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho, e com extraordinaria concurrencia, realizou-se, como de costume, a sessão semanal

Os Lactícinios em Pernambuco



Usina Hygienisadora de Leite — Sala de acondicionamento em frascos



Laboratório do Leite

e conjuncta da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira.

Do expediente, que foi lido pelo Sr. Arruda Camara, destacou-se um officio da Associação Commercial de Carangula, no qual communica haver iniciado uma vigorosa campanha "no sentido de se conseguirem medidas que venham minorar a crise aguda que attinge a nossa lavoura e a de toda a Zona da Matta, com uma secca impiedosa e prolongada que ha sete mezes cresta os campos, impedindo a producção de cereaes, matando o gado pela ausencia de pastos e paralizzando até os pequenos moinhos das fazendas, transformando em filétes dagua os correjos e rios que outrora foram caudalosos".

E continúa, no seu officio, a referida Associação: "Como causa deste mal só podemos indicar a ausencia total de mattas nas nossas cercanias, occasionada pela devastação desordenada e desenfreada dos matos virgens, onde existam madeiras de qualidade; e, terminada esta, destruição das restantes arvores para queimar como combustivel nas locomotivas da Leopoldina Railway. E, como remedio ao mal, sómente nos occorre o reflorestamento. Mas com obrigatoriedade por parte do governo, pois que, se deixarmos o problema entregue ao patriotismo e civismo do nosso inculto homem da lavoura, é certo que jamais se conseguirá resultado favoravel".

Depois de solicitar o apoio da Sociedade termina a Associação pedindo dados e informações a respeito das medidas até aqui adoptadas em face do assumpto pelo Governo. O Sr. Torres Filho diz que o appello está vassado em termos taes que não pode deixar de impressionar e, por isto, a Sociedade lhe dará a maior attenção. Neste sentido, communica o Sr. Presidente que designará uma commissão que estudará o assumpto afim de determinar o meio de acção ou de um programma de caracter geral.

O Sr. Arruda Camara informa que se acha em funcçãoamento na Escola de Horticultura Wenceslau Bello um novo curso de Sericicultura, com 76 alumnos inscriptos.

A seguir, o Sr. Torres Filho faz algumas considerações a respeito da situação das fructas citricas no paiz, e sua exportação para o estrangeiro, informando que o Sr. J. C. Gomes dos Reis, chefe da Secção de Fructicultura da Secretaria de Agricultura de São Paulo acabou de realizar uma viagem de estudo aos paizes importadores. Dessa viagem, informando que o Sr. J. C. Gomes dos Reis, chefe da Secção de Fructicultura da Secretaria de Agricultura de S. Paulo acabou de realizar uma viagem de estudo aos paizes impor-

tadores. Dessa viagem, resultaram idéias e observações, já levadas ao seio do Conselho Federal do Commercio Exterior, consubstanciadas nas seguintes medidas observações.

1) — Necessidade imprescindivel de um frigorifico em Santos; a falta deste frigorifico prejudica a qualidade da laranja e desordena os transportes;

2) — Ausencia de programma de embarques: como consequencia da falta de programma de embarque, lançamos repentina e simultaneamente grandes partidas de fructas nos mercados consumidores;

3) — Possuimos um serviço de estiva caro: enquanto a Africa do Sul, paga 2 pence, a Espanha 1½ penny, Palermo e Messina 39¼ de penny, o Brasil paga, em Santos, 4 1½ pence em media por caixa;

4) — Os nossos fretes são egualmente muito elevados: caixas com egual penso ao das nossas, paga a Hespanha 11 pence, a Palestina 1 shilling, e 5 pence, a Africa do Sul 2 shillings e 3 pence. Nós pagamos 3 shillings.

5) — Não possuimos uma distribuição perfeita, porque o nosso transporte está condicionado ao transporte da carga; 70% da nossa fructa vae para Londres e 30% para Liverpool, este porto está em condições de receber maiores quantidades bem como Glasgow, Manchester e outros.

6) — Não pumisosos organizações de venda que se incumbam da distribuição e controle das vendas: a Africa do Sul distribue em partes eguaes, entre leilão e venda privada, alcançando melhor provento.

Além dessas observações, e como consequencia dellas, aconselhou aquelle tecnico.

— adopção da laranja bahianinha, capaz de produzir maior numero de caixas por pé, com percentagem elevada de tamanhos commerciaveis;

— construcção do frigorifico em Santos;

— estabelecimento de um programma regular de sahidas semanaes de fructas;

— controle dos embarques, que terá por fim regular as chegadas de fructas aos mercados consumidores, evitando excessos ou deficiencias;

— remessa directa da fructa para os mercados consumidores e não exclusivamente para Londres e Liverpool;

— evitar o financiamento estrangeiro, que é caro, podendo o governo tomar a si o encargo de financiar produtores e cooperativas, antes da safra, mediante penhor da mesma e outras garantias, ou contra conhecimento marítimo;

— não devemos descurar, tambem, a propaganda, que na California, Palestina e Africa do Sul é intensa;

— um entendimento entre os concurren-

tes poderia dar resultado, afim de regular o mercado, já que esse começa a sentir os efeitos de offertas que ticam além da procura; no caso de um accordo com a Africa do Sul, teria cabimento pleitear-se uma redução de direitos, precisamente mais elevado para proteger aquelle dominio;

—o bom exito da citricultura brasileira, depende, tambem, da prohibição dos tamanhos 80, 96, 100, 112; da limitação do tamanho 126 em 20 20 e 25 %; da prohibição da caixa *oversize*; do uso obrigatorio do papel envoltorio de cor avermelhada; fixação da coloração da fructa em 75% na occasião da colheita.

Refere-se ainda o Sr. Torres Filho á necessidade de, em face da situação internacional, procurar desenvolver o mercado interno, sobretudo aproveitando Minas Geraes e São Paulo, como pontos de consumo mais proximos e, mais tarde, o Norte. E' que a safra fluminense, orçando em 5 milhões de caixas, e tendo sido exportada apenas pouco mais de 1 milhão, ficará estagnada, com grave prejuizo para os productores.

Acontece, porém, que havendo embora possibilidade de absorpção de grande quantidade de laranjas (para São Paulo tem sido exportadas cerca de 1.200 caixas diarias); o frete na Central do Brasil impede essa distribuição, por ser muito elevado, e demorado o transporte.

Em face desta situação, procurou entendimentos com a direcção daquella ferrovia, tendo sido incumbido de expor a situação ao Sr. Ismael Cordovil, que a respeito dá algumas informações sobre os entendimentos que tivera. Assignala esse consocio a boa acolhida que teve, reservando-se, entretanto, para maiores esclarecimentos na proxima sessão.

Um outro assumpto abordado foi o da produção e exportação da mamona, que, só na Bahia, augmentou de 37.324 saccos de sessenta kilos em 1932 para 716.530 em 1938. A cultura dessa semente oleaginosa tem sido estimulada pela Bolsa de Mercadorias local, com uma larga propaganda, além da distribuição gratuita de sementes. Essas sementes têm encontrado, ultimamente — continua o Sr. Torres Filho — uma larga acceitação em todos os mercados internacionaes, em virtude de ser o seu oleo de applicação como lubrificante nos motores de aviação, e outras applicações delicadas. E' uma planta originaria da Abyssinia, muito diffundida no Brasil e até ha pouco, a sua produção era feita desordenadamente, dando em resultado a diversidade crescente dos typos, em vista de ser uma planta muito sujeita á hybridação. Refere á visita que fez o anno passado a São Paulo, onde teve occasião de visitar pela primeira vez uma plantação organizada de mamona. Aquelle Estado, graças ao trabalho continuado dos seus órgãos technicos, já conseguiu fi-

zar duas variedades de mamona, (a e a anã) o que lhe tem permittido ultimamente dar aos typos exportaveis uma padronização que muito se approxima do typo ideal.

A resepeito da produção de linha, apresenta o Sr. Torres Filho alguns dados segundo os quaes se verifica que, em 1938, a safra de semente só no Rio Grande do Sul attingiu a 14.239.276 kilos. Esta produção — explica — é consumida dentro do proprio paiz, a cujo consumo ainda não basta. Sabendo-se que do linho não se aproveita sómente a semente, mas tambem a fibra — de largo consumo na industria de tecidos, importando o Brasil grande quantidade de linho manufacturado — é cultura que deve ser desenvolvida, tanto mais que ha mercado para uma produção muito maior dentro do proprio paiz.

Tem a seguir a palavra o Sr. Otto Frensel, que faz a seguinte communicação a respeito do aproveitamento do leite desnatado e do soro na panificação:

O estonteante dynamismo, consequente do fabuloso progresso technico da humanidade nas ultimas dezanais de annos, não foi acompanhado devidamente na sua alimentação. A necessidade de se alimentar formidaveis nucleos humanos fez esquecer, inicialmente, a qualidade para tratar apenas da quantidade. As consequencias não tardaram de se manifestar, e, por isso, hoje, os Governos de todos os paizes estão grandemente preocupados em proporcionar ás suas populações uma alimentação equilibrado e de boa qualidade. Tambem aqui no Brasil o Governo está tratando desta transcendente questão com a maior attenção, como é do conhecimento de todos. Estudos e experiencias estão sendo effectuados em todos os sectores technicos neste sentido. Ao mesmo tempo merece igual attenção o aspecto economico o qual inclue não só o preço que o consumidor pode pagar, mas tambem o abastecimento de preferencia com produção proprio do paiz.

O leite e os seus derivados terão uma importancia cada vez mais crescente na alimentação do brasileiro, mórmente se attendermos ao seu baixo consumo actual. Segundo a "Revista de Economia e Estatistica" do Ministerio da Agricultura, de Janeiro de 1937, o Brasil produziu em 1936 approximadamente: — 2.300.000.000 litros de leite, 25.000.000 kgs. de manteiga e 28.000.000 kgs. queijo. Para uma população avaliada em 45.000.000 de habitantes, trata-se, realmente, de cifras muito pequenas. Ao mesmo tempo, ellas nos mostram as grandes possibilidades que a industria de lacticinios ainda possui entre nós.

Além do leite em especie e os seus dois principais derivados — a manteiga e o queijo — ha, entretanto, outros derivados que merecem a maior attenção das nossas autoridades, dado o grande valor alimenticio que

elles possuem. Queremos referir-nos principalmente ao "leite desnatado" (que sobra na fabricação da manteiga) e ao "soro do queijo" (que sobra na fabricação do queijo). O leite desnatado, salvo pequena parte empregada na criação de porcos ou industrializada para caseína ou secco, usado nas fabricas de chocolate e biscoitos, quase nenhum emprego encontra. Com o soro de queijo, a situação ainda é peor, pois, somente uma parte infima encontra emprego na fabricação de lactose (assucar de leite) e na criação de suínos. Admittindo uma media de 22 litros de leite para a fabricação de 1 kg. de manteiga e de 10 litros de leite para 1 kg. de queijo e deduzindo os volumes correspondentes a manteiga e ao queijo fabricados, aereos 525.000.000 de litros de leite desnatado e 252.000.000 de litros de soro de queijo. São cifras estimativas, pois, varios são os factores que devem ser considerados, como, por exemplo, a percentagem de gordura do creme, empregado na fabricação de manteiga, etc.

Evidentemente ha ainda muitas possibilidades de emprego industrial destes derivados, além de se poder desenvolver muito a sua industrialização já existente. O seu emprego mais precioso se encontra, entretanto, na alimentação humana, principalmente o leite humano, principalmente o leite desnatado em virtude de seu elevado valor em proteina (3,40% na media e ambos pelos preciosos saes mineraes (0,70% na media) além da lactose elemento energetico dos mais valiosos (4,90% na media).

Ha uma serie de possibilidades para o emprego do leite desnatado e do soro de queijo na alimentação, mas é na panificação que se encontram as suas maiores, digamos, mesmo, illimitadas, possibilidades. Referimo-nos ao pão nosso de cada dia e não aos doces. Não se trata de nenhuma novidade, pois, em muitos paizes o emprego do leite desnatado, principalmente, já tem larga applicação na panificação ha muitos annos. Na Allemanha, antes da grande guerra, não havia grandes excessos de leite na assim chamada estação das aguas, porque todo o leite desnatado, que não tinha outra applicação, era empregado automaticamente na panificação. A grande guerra interrompeu esta optima pratica, mas já de alguns annos para cá, o emprego do leite desnatado e tambem, ultimamente, do soro de queijo, está encontrando larga applicação na panificação. Ao fazermos comparações com outros paizes, não devemos esquecer que se trata, geralmente, de paizes, de população superior á nossa e de consumo de leite e derivados muito maior do que o nosso, demaneira que os volumes de leite desnatado e soro de queijo com que elles têm que contar, são tambem muitas vezes superiores aos nossos.

Com isto podemos admittir que, si naquelles paizes este problema já teve uma solução approximada, entre nós, com menores volumes, elle deve ser mais facil, embora tenhamos outros factores a tomar em consideração.

A applicação mais racional destes dois derivados, servirá tambem para solucionar uma parte economica da industria de laticínios, sem que seja necessario recorrer ás valorisações artificiaes. De facto, como tantas vezes referentes em outras industrias, podemos encontrar no emprego dos derivados a solução da parte economica desta industria.

No caso do leite desnatado, verificamos que elle é o vehiculo ideal para a panificação, não só do pão de trigo, mas do nosso pão mixto, devido ao elevado valor proteico que possui. Para a manutenção do processo da vida aproveita-se:

- 85 % da proteina do leite.
- 67 % da proteina do arroz.
- 58 % da proteina do milho.
- 54 % da proteina do trigo.

Para a construcção de novos tecidos aproveita-se: 80% da proteina do leite, 44% da proteina do trigo.

As proteínas do leite desnatado não somente possuem um elevado valor biologico — como se viu acima — mas tambem possui a qualidade de completar os valores proteicos dos cereaes. A propria vacca, productora do leite, é o melhor exemplo. Si dermos a uma vacca, productora do leite, é o melhor exemplo. Si dermos a uma vacca, 600 grs. de milho e 50 cc. de leite desnatado, apenas 20% da proteina do leite será aproveitada na producção de leite. Entretanto, si se juntar ao milho 600 cc. de leite desnatado, este aproveitamento será de 60%, ou seja o triplo.

Salvo poucas excepções, não se emprega ainda no Brasil estes derivados do leite na panificação, embora os estabelecimentos que o fazem tenham conseguido, dada a grande melhoria verificada no pão, obter uma boa clientela. Embora, a primeira vista, o emprego directo do leite desnatado ou soro de queijo, em estado liquido portanto, pareça o mais indicado, principalmente, nas nossas cidades do interior, ha factores technicos varios que tornam preferivel o emprego de productos seccos.

Geralmente os padeiros não sabem lidar com estes productos liquidos. A sua conservação é limitada. Na padaria, devido á alta temperatura reinante, elles podem azedar ou coagular com facilidade. Além disso, o padeiro não poderá obter os productos na hora matutina em que os precisará para a fabricação do pão. A technica allemã recommenda, por isso, baseada em longa experiencia:

- a) o leite desnatado em pó;

b) a proteina lactica ou seja a caseina alimentar;

c) o leite desnatado em pó, fermentado;

d) o leite desnatado em pó, acido.

Encarando o assumpto inicialmente do ponto de vista economico, como auxilio para a industria de laticinios, o Governo Allemão, pelo Decreto de 12 de Setembro de 1933, tornou obrigatorio a addição de até 1% de leite desnatado em pó a farinha usada na panificação do assim chamado pão mixto que, pela mesma lei, deve conter 4% de amido em batata. Mais tarde, entretanto, em 1934, foi iniciada a propaganda do uso do pão de proteina lactica. Na composição deste pão devem entrar para cada 100 kgs. de farinha no minimo 2 1/2 kgs. de leite desnatado em pó ou 1 1/4 kgs. de proteina lactica (caseina alimentar).

A titulo de experiencia foram fabricados centenas de milhares de pães em diversas localidades e sob as mais variadas formulas. A experiencia de maior rendimento foi effectuada com partes eguaes de farinha de trigo e de centeio, accrescido o kg. desta farinha mixta de 70 grs. de leite desnatado em pó, 15 grs. de fermento (em experiencias em maior escala apenas 10 grs.) e 15 grs. de sal com 700 cc. de agua. Os resultados foram os seguintes:

aguas produziram 1.400 grs. de pão.

1 kg. de farinha mixta com 660 cc. de agua e 35 grs. de leite desnatado em pó produziram 1.505 grs., ou sejam mais .05 grs. de rendimento.

1 kg. de farinha mixta com 700 cc. de agua e 70 grs. de leite desnatado em pó produziram 1.585 grs. ou sejam 185 grs. de rendimento.

Ha, pois, uma rendimento economico de quasi 140% sobre o pão feito apenas com agua. No peor das hypotheses, portanto, o padeiro tem uma compensação do valor do leite desnatado em pó que empregou. O paladar mais agradável e a melhor digestibilidade do pão, contribuirão, entretanto, para o augmento de suas vendas, tendo, pois, tambem lucro commercial directo.

Ao Brasil entretanto, interessam os seguintes resultados:

a) beneficio da saude publica pelo grande augmento do valor alimenticio do pão, em virtude de seu augmento apreciavel em proteinas e saes mineraes;

b) beneficio da economia nacional pelo emprego de milhares de contos de réis em leite desnatado perdido annualmente.

Nenhum Governo que tanto se interessa pelo fortalecimento da raça, certamente, deixará de aproveitar tão importante oportunidade, evitando prejuizos economicos e beneficiando a saude publica.

Devem ser effectuadas experiencias officiaes para que sejam constatados os beneficios que o leite desnatado em pó pode trazer na fabricação do pão mixto. A transcendente importancia que o problema do pão mixto tem para a economia nacional, torna imperiosa a necessidade de serem estudados os meios de tornar o pão mixto agradável ao paladar do consumidor e de valor alimenticio o mais intenso possivel.

O Sr. Torres Filho apresenta algumas informações a respeito das duas ultimas safras de algodão e varios aspectos que a referida cultura offerece, no Estado de São Paulo. Segundo essas informações, as sementes distribuidas neste anno agricola, cuaj apuração da colheita se estende até Fevereiro de 1940, atingiu a 522.855 saccos que devem ser semeados numa área provavel de 445.739 alqueires paulistas (cada alqueire equivale a 2,4 hectares), interessando a 63.101 lavradores.

Para confrontar citaremos os algarismos referentes á distribuição de sementes do anno agricola de 1937/39, que foram 574.863 saccos para 475.566 alqueires, interessando 64.517 agricultores.

Pelo confronto da estatistica da área, segundo a nacionalidade dos lavradores, verifica-se que no anno agricola presente, maior numero de nacionaes se interessaram pela cultura algodoeira naquelle Estado, pois 540% no anno anterior.

Tudo previa ainda um maior interesse pela cultura algodoeira, por parte de toda a lavoura paulista, se não fora a actual situação internacional.

Um outro aspecto, que bem demonstra a solidez da cultura do algodão fornece-o exame dos titulos de posse.

Pelo quadro a elle referente verifica-se que predomina a participação de proprietarios, na maioria pequenos lavradores. Quer dizer que 85% dos cultivadores são os proprios donos das terras.

No anno agricola 1938-39 a porcentagem dos proprietarios era 64,85%.

Quanto á produção de 1939, de 1.º de Março a 15 de Setembro, atingiu a 274.193.227 kgs. ultrapassando pois. a de igual periodo de 1938 que foi de 240.933.875 kilos.

Assinalou-se, por outro lado, uma evidente melhora na qualidade commercial da safra pois os typos que conseguiram enquadrar-se nos padrões 1 a ., estabelecidos pelo Minisetrio da Agricultura, atingiram quasi a 41% do total classificado, em lugar de 32% do anno anterior.

Reduziu-se tambem a participação dos algodões baixos que de 32,15%, no anno anterior, figurou agora apenas 25,80%.

Relativamente a exportação pelo porto de Santos no periodo de janeiro a julho, essa

atingiu a 1.080.688 fardos, com um total de 197.696.806 kgs. no valor de reis 668.843:195\$787.

Em virtude, principalmente, da oppor-
na approximação que o paiz realizou com o
Extremo Oriente, a partir de 1937 a partici-
pação japoneza em nossa exportação tomou tal
vulto que, neste anno, os mercados europeus
passaram a posição secundaria.

A cotação media, dos sete mezes deste
anno dá, para 15 kgs. de pluma, 47.115 con-
tra 49.241 em todo o anno de 1938 e 56.094
para o anno de 1937.

O Japão e os seus interesses industriaes
ligados aos mercados chineses absorveram
para mais de 51% das exportações de Ja-
neiro a Julho, effectuadas pelo porto de San-
tos, enquanto os mercados da Allemanha, In-
glaterra e França, até então nossos maiores
importadores, passaram a participar com 15%
10% e 9% respectivamente.

OSr. Ribeiro Junqueira, a proposito da
communicação do Sr. Otto Frensel, diz que,
como productor de lacticinios e criador, ap-
pellava para a Sociedade Nacional de Agri-
cultura — e neste representava a opinião d
cultura — e neste representava a opinião de
todos os productores de leite e industriaes de

lacticinios — os seus bons officios junto á
Commissão do Tabellamento afim de ser fei-
ta uma possível revisão nos preços estipulados
para a manteiga. A Commissão, aliás, já terá
recebido um memorial em que se prova á evi-
dencia que o preço estabelecido é inferior ao
custo da producção. Todos nós reconhecemos
— diz o Sr. Ribeiro Junqueira — os esforços
em evitar que a população soffra e seja explo-
rada com preços fóra do normal, mas nenhum
de nós pôde duvidar que a intenção do Go-
verno seja para diminuir a possibilidade de
ganho daquelles cujo trabalho é a base da
nossa economia. Pelo trabalho lido pelo Sr.
Otto Frensel, verifica-se que são necessarios
22 litros de leite para a producção de 1 kilo
de manteiga. Ora, só ahí estão 8\$800 só em
leite para a obtenção de um kilo demanteiga,
sem levar em conta o teór gorduroso, que varia
de accordo com os pastos, ou seja com as épo-
cas de secca ou de aguas. Além da materia pri-
ma, é preciso accrescentar as despezas da fa-
bricação, do transporte, o lucro ao atacadista,
etc. — Dahi, não ser possível vender a man-
teiga pelo preço tabellado.

O Sr. Torres Filho diz que recebe o ap-
pello do Sr. Ribeiro Junqueira com toda a
simpathia e o levará ao Sr. Ministro da

Escola 15 de Novembro

O Presidente da Sociedade Nacional de
Agricultura recebeu do Diretor daquela Esco-
la o officio que a seguir transcrevemos:

“Este estabelecimento vai passar por uma
reforma radical nas suas instalações e organi-
zações tecnico-administrativas, sendo desejo
desta diretoria organizar um plano de ensino
agricola para o que vem solicitar a preciosa
colaboração intelectual e, se possível, material,
não só no que estiver ao alcance das possibili-
dades dessa diretoria, como no que diz respei-
to ás solicitações que neste sentido possam ser
dirigidas ao Ministerio da Agricultura.

Essa Sociedade é, como todos sabem, um
orgão tecnico de orientação e de sabedoria nos
assuntos que se relacionam com a defesa e com
o fomento das nossas riquezas agricolas, sendo
a sua atuação conhecida em todo o país.

A Escola 15 de Novembro, estabeleci-
mento official, de amparo e de educação para
os menores física e moralmente abandonados,
mais de que nenhum outro, carece e vem pe-
dir a colaboração da Sociedade Nacional de
Agricultura.

Esta Escola deve já ao Dr. Torres Filho
um serviço de cooperação agricola quando esse
ilustre brasileiro encontrava-se na diretoria do
Fomento.

Com o seu afastamento daquele serviço,
foi suspensa aquela cooperação que apesar da
pouca duração, deixou resultados dignos de
atenção.

Devo assinalar, com especial agrado, a
visita que acaba de fazer a este estabeleci-
mento o vosso ilustrado consocio Dr. Edgard
Teixeira Leite, a quem pedi fosse o porta-voz
desta Escola junto á S. N. A. Como elemen-
to subsidiario e para maiores esclarecimentos,
foi entregue ao Dr. Edgard Teixeira Leite, co-
pia do relatorio do Evaristo Leitão, apresen-
tado ao Ministerio da Agricultura, sobre as
possibilidades das nossas terras agricultaveis,
e agora junto a este algumas plantas que jul-
go uteis ao plano de organização que desejo
boter da S. N. A.

Devo ainda solicitar, para uma perfeita
orientação desta diretoria, que não seja esque-
cida, no plano tecnico, a parte administrativa,
isto é, instalações, pessoal tecnico necessario, e
se possível, um esboço de regulamento.

Aproveito-me do ensejo para apresentar-
vos as homenagens da minha estima e maior
consideração.

Perdigão Nogueira — Diretor”.

Agricultura que, como todos sabem, é também criador e, pois, está bem ao par do assumpto, Tem a certeza de que S. Ex. não deixar de attender a esse justo appello dos criadores porque, evidentemente, como muito bem accentuou o Sr. Ribeiro Junqueira, o escopo do governo é evitar a exploração — nunca o ganho lícito e a justa recompensa ao trabalho e ao capital.

O Sr. Teixeira Leite, a proposito do assumpto da communição Commercial de Caragula, lida, ao começo da sessão, tece alguns commentarios, dizendo que é preciso adoptar-se providencias que evitem a situação descripta. A Historia nos ensina — diz o Sr. Teixeira Leite — que todos os grandes imperios que permittiram a devastação desfreada das suas florestas perecem ou foram conquistados. O que se observa no Brasil é de molde a impressionar, pela extensão que o phenomeno vae tendo. Não se trata de um assumpto de aspectos ou consequencias regionaes, mas de ambito nacional. Ha necessidade de uma campanha são a repetição daquellas affirmações feitas ha vinte annos por Alberto Torres, de que se acabavam as “fontes de vida do Bra-

sil”, ao mesmo tempo que chamava a attenção dos nossos homens de estado e de administração para a gravidade deste problema, que era a devastação impiedosa das mattas, determinando a erosão e suppressão dos mananciaes Refere-se a um recente livro de dois auctores inglezes, que estudam essa questão a fundo. Desta forma, por se tratar de um assumpto que interessa ao Brasil inteiro pede o Sr. Teixeira Leite que a commissão que for nomeado o examine e estude sob esse ponto de vista, porque está confirmada, ou se confirmando, vinte annos decorridos, o que predisse o maior dos pensadores brasileiros.

O Sr. Ismael Sordovil faz algumas considerações a respeito da situação dos citricultores, propondo que a Sociedade, pelos meios ao seu alcance consiga do Governo, para salvar os productores de laranja, e não só esses mas todas as industrias que se crearam á sombra dessa nova riqueza brasileira — a braços com uma crise tremenda, em virtude da situação europeia, um auxilio immediato, correspondente a um bonus por caixa de laranja produzida ou exportada.

Já tarde, levanta-se a sessão.

Os Lacticínios em Pernambuco



Beba mais leite...

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro 1897

Reconhecida de utilidade publica pela lei n. 3549, de 18 de Outubro de 1918



Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

DIRECTORIA GERAL

Presidente - Ildefonso Simões Lopes
1.º Vice-Presidente — Arthur Torres Filho
2.º » » — Edgard Teixeira Leite
3.º » » — Mario de Oliveira
1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara
2.º » — Adamastor Lima
3.º » — Eurico Santos
4.º » — Altino de Azevedo Sodré
1.º Thesoureiro — Kurt Repsold
2.º » — Domigos de Faria

DIRECTORIA TECHNICA

Fabio Furtado Luz
Franklin de Almeida
Hilario Luiz Leitão
Luiz de Oliveira Mendes
Otto Frensel
Francisco de Assis Iglesias
Frederico Murtinho Braga
Joaquim Bertino
Luiz Gonçalves Vieira
Virginio Werneck Campello

CONSELHO SUPERIOR

Alberto Ravache
Alvaro Simões Lopes
Antonio F. Magarinos Torres
Argemiro de Oliveira
Alpheu Domingues da Silva
Annibal di Primio Beck
Archimedes de Lima Camara
Belisario Alves F. Tavora
Creso Braga
Carlos de Souza Duarte
Euvaldo Lodi
Eduardo Duvivier
Fidelis Reis
Fernando Costa
Filogonio Peixoto
Fabio de Azevedo Sodré
Francisco Leite Alves Costa
Gastão de Faria
Humberto Rodrigues de Andrade
Honorio da Costa Monteiro Filho

Itagiba Barçante
J. C. Belo Lisboa
Jeronymo Antonio Coimbra
Julio Eduardo da Silva Araujo
Julio Cesar Lutterbach
José de Oliveira Marques
José de Borja Peregrino
José Solano Carneiro da Cunha
José de Mello Moraes
José Monteiro Ribeiro Junqueira
João Baptista de Castro
João Mauricio de Medeiros
Landulpho Alves de Almeida
Luiz Simões Lopes
Mario Telles da Silva
Marcial Terra
Ottoni Soares de Freitas
Ruy Carneiro
Sebastião Herculano de Mattos
Wenceslau Braz Pereira Gomes

Escola de Horticultura Wenceslau Bello

(MANTIDA PELA S. N. DE AGRICULTURA NO ANTIGO HORTO FRUCTICOLA DA PENHA)

RECONHECIDA E FISCALIZADA PELO GOVERNO DA NAÇÃO

PENHA — RIO — E. F. LEOPOLDINA

- Mudas e Enxertos de plantas frutíferas próprias ao clima do Districto Federal.
- Optimos exemplares de plantas ornamentaes.
- Laranjeiras — Typo exportação.
- Mangueiras das melhores vairedades
- Abatimentos aos socios da S. N. de Agricultura.

Solicite informações á

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

— Largo de São Francisco, 3-2.º - Salas 202/6 —

TEL. 22-6241

Caixa Postal 1245 — Endereço Telegraphico "Agricultura"